700 908

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG N.º 14060
Data 14/09/2009
( ) Compra [✓ Doação] ( ) Permuta

Biblioteca - Unemat - PLA
00014060

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

ANTONINHO MARMO DA SILVA JÚNIOR

ABORDAGEM GRAMATICAL EM SALA DE AULA: um estudo sobre as aulas de gramática de uma escola de ensino fundamental e médio da cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade/MT

Pontes e Lacerda/MT,
Junho/2009.

81'36
S182a
ex.01

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

ANTONINHO MARMO DA SILVA JÚNIOR

ABORDAGEM GRAMATICAL EM SALA DE AULA: um estudo sobre as aulas de gramática de uma escola de ensino fundamental e médio da cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade/MT

Trabalho de Conclusão do Curso de graduação em Letras, apresentado ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) – Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para a obtenção do título de graduado em Letras.

Orientadora: Profª. Ms. Vanessa Fabíola Silva de Faria.

Pontes e Lacerda/MT,
Junho/2009.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi apresentado e defendido perante a seguinte banca examinadora:

Profª. Ms. Vanessa Fabíola Silva de Faria
Orientadora

Profª. Ms. Ana Maria Macedo
Membro da banca

Profª. Dra. Rosely Aparecida Romanelli
Membro da banca

Pontes e Lacerda/MT,
Junho/2009.

Dedicatória

Aos meus pais, pois se não fossem eles me incentivarem e darem-me forças nas horas mais difíceis e em que mais precisei não teria chegado até aqui, e aos meus irmãos e amigos que estiveram ao meu lado, tanto nos momentos fáceis e principalmente nos momentos mais difíceis da minha vida.

Agradecimentos

Primeiramente a Deus, pai todo poderoso criador do céu e da terra, por ter nos concedido o nascimento pela segunda vez, e em segundo lugar a todos aqueles, colegas e conhecidos que de uma forma ou de outra nos deram apoio e compreenderam nos. A todos os docentes que direta ou indiretamente fizeram parte de minha vida acadêmica, em especial as professoras mestres Vanessa Faria e Ana Maria, e aos professores doutores José Leonildo Lima e Rosely Romanelli, os quais de uma forma ou de outra, me deram suportes para que pudéssemos vencer os obstáculos a diante.

A vida é um caminho cheio de obstáculos, mas se desistirmos no primeiro que encontrarmos não saberemos aonde a vida irá nos levar, (...) por isso busque seus sonhos, desejos e fantasias por mais difíceis que eles possam parecer!!!

(ROYNUJ, 2002).

RESUMO

O presente trabalho surgiu nos a partir da nossa iniciação no estágio supervisionado II, tendo em vista que como futuros docentes na área de Língua Portuguesa, percebemos a necessidade de investigar como o ensino desta língua está atualmente direcionado, mais precisamente que tratamento escolar a gramática vem recebendo dos professores, em especial de uma Escola de Ensino Fundamental e Médio, da cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade - Mato Grosso.

Buscamos para tanto, verificar o tratamento escolar que a gramática vem recebendo destes professores na mencionada escola, bem como, que gramática é trazida para a sala de aula, e em conseqüência, quais conteúdos freqüentemente encontramos no(s) caderno(s) do(s) aluno(s) que convergem para a concepção de gramática vinculada ao discurso do(a) professor(a).

No que concerne ao ensino da Língua Portuguesa, mais precisamente que gramática está sendo ensinada na escola, alguns dos suportes que utilizaremos será Sírio Possenti (1996) em seu livro "Por que (não) ensinar gramática na escola"; Maria Helena de Moura Neves (2003) com a obra "Que gramática estudar na escola? Norma e uso da Língua Portuguesa"; Rodolfo Ilari (1993) com seu livro "Lingüística e o ensino de Língua Portuguesa"; Carlos Franchi (2006) com o livro "Mas o que é mesmo gramática?" dentre outras.

Referidos textos - obras - discutem o papel da escola no tocante ao ensino da língua materna, isto é, o "uso ou não" da gramática na instituição escolar e o uso da gramática em sala de aula.

Palavras-chave: Ensino/aprendizagem; professores; língua; alunos e gramática.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 9

CAPÍTULO I

Gramática e escola: equação não resolvida 11

1 - Concepções de língua e gramática 11

1.1 - Instituição escolar e o ensino gramatical 16

1.2 - Gramática: ensinar ou não ensinar? 20

CAPÍTULO II

O Ensino gramatical em sala de aula: uma visão dos professores do ensino fundamental e médio 24

CONSIDERAÇÕES FINAIS 33

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 34

ANEXO I 36

ANEXO II 39

INTRODUÇÃO

Encontramos diversas pesquisas no país, e até no estrangeiro, sobre uma reflexão sobre o ensino de língua portuguesa, seja acerca do seu ensino, seja em pesquisas sobre qualquer de seus aspectos, assim, cada qual a sua maneira (não importando o seu *corpus*), constituirão substancialmente um novo pensar - visão - sobre este objeto de estudo, ou seja, uma contribuição de grande monta para a sociedade, principalmente na área de Língua/Linguagem.

Assim sendo, com o principal intuito de verificar como atualmente o ensino de língua portuguesa está direcionado propusemos este trabalho, mais precisamente que tratamento escolar a gramática vem recebendo dos professores, em especial de uma Escola de Ensino Fundamental e Médio, da cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade - Mato Grosso.

Através das entrevistas concedidas por estes educadores, tentamos verificar o tratamento escolar que a gramática vem recebendo destes professores na mencionada escola, bem como, que gramática é trazida para a sala de aula, e em conseqüência, quais conteúdos freqüentemente encontramos no(s) caderno(s) do(s) aluno(s) que convergem para a concepção de gramática vinculada ao discurso do(a) professor(a).

Nos alicerçamos teoricamente nas obras de Antunes, Franchi, Geraldi, Possenti dentre outros que comungam as mesmas teorias, as quais tentei utilizar no decorrer do presente trabalho, já que tratam de assuntos pertinentes ao mesmo, algumas delas: ensino, língua e gramática (tanto oral, como escrita), norma culta/padrão e desvalorizada/inferior, etc. Tentamos fazer uma reflexão acerca do material coletado em nossa pesquisa de campo. Assim este trabalho ficou em dois capítulos, dividido da seguinte forma:

O primeiro capítulo intitulado "Gramática e escola: equação não resolvida", subdividimos em três aspectos: 1 - Concepções de língua e gramática, discorremos apontando as principais concepções, as quais são mais comumente difundidas acerca da língua e da gramática. 1.1 - Instituição escolar e o ensino gramatical, tentamos expor como encontra-se o ensino da gramática dentro dos portões escolares, isto é, que ensino é veiculado dentre das salas de aula. 1.2 - Gramática: ensinar ou não ensinar?, neste item observamos que este é um ponto ainda em constante debate.

Já no segundo capítulo intitulado "O Ensino gramatical em sala de aula: uma visão dos professores do ensino fundamental e médio" foi o de nossa análise das respostas concedidas pelos professores, contrapondo com o caderno de um dos alunos de um destes professores, onde pudemos observar que o professor acaba por esquivar-se da responsabilidade das dificuldades encontradas pelos educandos acerca do ensino.

Observamos ao longo do trabalho que, o que ocorre realmente em sala de aula, é que os conteúdos são apresentados aos alunos - quase em sua totalidade - recheados de definições, nomenclaturas, etc., os quais não terão quase que nenhum significado para o aluno, já que é apresentado a este uma variedade diferente da qual domina, ou seja, a variedade padrão, sem lhe mostrar o efetivo uso desta com a que o mesmo domina nas variadas situações do dia-a-dia.

CAPÍTULO I

GRAMÁTICA E ESCOLA: EQUAÇÃO NÃO RESOLVIDA

1 - Concepções de língua e gramática

Para entrarmos no assunto em questão, primeiramente temos que discorrer mesmo que resumidamente acerca da legitimação da nossa Língua Portuguesa/Língua Materna - podendo aparecer no decorrer do texto como L.P e L.M respectivamente - como se deu e como atualmente encontra-se a mesma. No início do século XX, os estudos de língua portuguesa tinham seus princípios fundamentados e ligados tradicionalmente a retórica, ou seja, voltados a (oratória e escrita) e uma gramática elitista.

Só a partir dos anos 60 e 70 é que se deu, ou ao menos se tentou, uma reformulação no ensino, mesmo que mascaradamente, havendo então uma "democratização do ensino", isto é, as camadas populares (empregados, menos favorecidos economicamente, etc.) tiveram a oportunidade de também sentarem nos bancos escolares e "desfrutarem" da tida como norma culta (a língua de prestígio social), conforme observamos em Possenti (1996), Britto (1997), Geraldi (2001) dentre outros autores.

Uma grande conseqüência deste aumento foi o enorme recrutamento de inúmeros professores sem qualquer qualificação, já que houve um aumento considerável de alunos, ocasionando um ensino/aprendizagem deficitário, conforme constatamos em algumas reflexões sobre o ensino de língua, principalmente o de L.P.

Entretanto, essa nova clientela chega à escola e não lhe é dado vez (voz), pois a variante que esta domina não tem qualquer prestígio, sendo que a sua é até deixada de lado (ocasionando um esquecimento proposital desta), para que lhe seja imposta à variedade culta.

A escola privilegiava tão somente os valores da classe dominante, o que ocasionou uma evasão escolar imensa (o que até hoje podemos notar), já que essa abertura para as camadas populares na instituição escolar, foi somente um grande engodo.

> A democratização da escola, ainda que falsa, trouxe em seu bojo outra clientela e com ela diferenças dialetais bastante acentuadas. De repente, não damos aulas só para aqueles que pertencem a nosso grupo social. Representantes de outros estão sendo sentados nos bancos escolares. E eles falam diferente. Sabemos que a forma de fala que foi elevada à categoria de língua nada tem a ver com a qualidade intrínseca dessa forma. Fatos históricos (econômicos e políticos) determinaram a 'eleição' de uma forma como a língua portuguesa. As demais formas de falar, que não correspondem à forma "eleita", são todas postas num mesmo saco e qualificadas como "errôneas", "deselegantes", "inadequadas para a ocasião", etc. (Gnerre, 1978 in GERALDI, 2001: 43).

É em meio a este conturbado contexto de nosso ensino que outras correntes surgiram e ainda surgem até hoje, na área de estudo da Língua/Linguagem, citemos algumas: a Lingüística; a Sociolingüística; a Pragmática; a Análise de Discurso entre outras. Frisemos ainda que, a partir dos anos 80 é que o ensino no Brasil, principalmente o de L.P (L.M) ganha uma relativa padronização, através dos PCN's, PCNem e outros manuais e compêndios, já que o ensino no país até então, não era dotado de uma uniformização.

Hoje em dia podemos dizer que houve um grande avanço no ensino do país, salvo em alguns lugares mais distantes e remotos, ou em lugares em que as barreiras são maiores que as distâncias, já que houve pelo menos disfarçadamente, uma tentativa de qualificação profissional, estando assim, os educadores aparentemente prontos para um desafio que cada dia fica maior e sério, pois temos que enfrentar os alunos das mais variadas regiões, culturas e hábitos, e os quais estão cada vez mais e mais espertos (plugados), tendo em vista os recursos que atualmente estão disponíveis, como: televisão, internet e outros.

Nas enxutas linhas anteriores, buscamos, mesmo que resumidamente, chegarmos aos atuais dias de nosso ensino, perpassando por uma exposição sucinta de nossa história educacional, a partir do século XX, e como é claro, [e não poderia de ser de outra forma], sempre enfocados no ensino de L.P (língua materna).

Encontramos no âmbito do cenário escolar, alguns agentes (alunos e professores) que consideramos centrais na articulação da aprendizagem da língua e sua gramática. Acreditamos serem eles os sujeitos mais visados neste dilema da aprendizagem. Assim sendo, surgiu-nos a curiosidade de investigar através desses atores[1] o direcionamento que o ensino de língua portuguesa vem tomando, principalmente em nossa instituição escolar.

A sociedade espera quase que única e/ou exclusivamente da escola o papel de ensinar a língua portuguesa. No entanto, este trabalho inicia-se muito antes da escola, ou seja, o aluno, ao chegar em uma sala de aula, já está constituído como falante da língua e institucionalmente pelos lugares de produção que o cercam.

Conforme inscrições em algumas reflexões teóricas[2], o ensino de nossa língua materna, e, conseqüentemente, o ensino e uso da gramática desta língua, tem que ser visto de uma forma mais ampla, pois as elaborações lingüísticas, as diversidades de linguagem que o sujeito utiliza no decorrer da aprendizagem não se dão somente através/pela escola, mas dependerá substancialmente de aspectos sociais, lingüísticos e pedagógicos.

Sendo assim, agora podemos fazer alguns apontamentos acerca das concepções tanto de língua como de gramática, considerando que ambas estão estreitamente ligadas uma a outra.

Em se falando de concepções de língua e gramática, não podemos deixar de retomar as concepções que mais são adotadas, mesmo em linhas de estudo que se divergem, mas que neste ponto acabam rendendo-se uma a outra, no que diz respeito a conteúdos e métodos adotados na escola, e obrigatoriamente em sala de aula, são elas: *concepção tradicional de língua* (a linguagem como expressão do pensamento), *concepção estrutural* (a linguagem como instrumento de comunicação) *e concepção interacionista* (a linguagem como forma e/ou lugar de interação), sendo que, cada concepção anteriormente mencionadas tem a sua correspondente na gramática, respectivamente: *a gramática teórico-normativa/prescritiva; a gramática descritiva e a gramática internalizada.*

A concepção tradicional de língua vê a linguagem como expressão do pensamento e aborda a gramática teórico-normativa/prescritiva, esta que toma como seus conceitos e regras a norma culta (padrão), isto é, o português tido como correto, em outras palavras, o que foge a essa classificação representaria um erro. Essa concepção preferencialmente visa por um falar e escrever bem.

---

[1] - Neste ensaio monográfico entendido como os professores e alunos, visto que ambos são considerados peças-chave na instituição escolar.

[2] - Observamos em Possenti (1996); Geraldi (2001); Franchi (2006) dentre outras obras.

> (...) é em geral a definição que se adota nas gramáticas pedagógicas e nos livros didáticos. (...) esses compêndios se destinam a fazer com que seus leitores aprendam a "falar e escrever *corretamente*". Para tanto, apresentam um conjunto de regras, relativamente explícitas e relativamente coerentes, que, se dominadas, poderão produzir como efeito o emprego da variedade padrão (escrita e/ou oral). (POSSENTI, 1996: 64).

Não são reconhecidas, nesta concepção, as variedades lingüísticas que cada indivíduo, lugar, comunidade, etc. possa ter, assim são *discriminadas*[3] por completo qualquer outra variedade que não seja a variedade eleita como culta/padrão. Em outras palavras, a real importância é dada somente a língua escrita, tida com (culta, elitizada, etc.), e, conseqüentemente, a gramática desta, já que nesta concepção não são considerados os erros, como o são em outras concepções.

Já a concepção de linguagem como instrumento de comunicação, que está inserida na concepção estrutural de língua, sendo que a gramática descritiva subjaz a essa concepção, apresentando "um conjunto de regras que são seguidas, baseado no uso da língua", e a qual é conhecida como a "gramática que orienta os lingüistas". A referida concepção, como o nome já diz descreve e/ou explica as línguas como são faladas, não apontando erros, mas sim, que existe uma variação da língua, e esta deve ser analisada e respeitada como tal.

Essa é aos olhos dos estudiosos - principalmente dos lingüistas, os seus defensores, conforme constatamos em Possenti (1996) - a definição/conceituação de língua e gramática mais coerente, ao contrário da normativa/prescritiva. "Privilegia-se, então, a forma, o aspecto material da língua, e as relações que constituem o seu sistema total, (...) ou seja, a língua é um código, um conjunto de signos, combinados através de regras, que possibilita ao emissor transmitir uma certa mensagem ao receptor", como destaca Nohad Mouhanna.

> (...) é a que orienta o trabalho dos lingüistas, cuja preocupação é *descrever e/ou explicar* as línguas tais como elas são faladas. (...) a preocupação central é tornar conhecidas, de forma explícita, as regras de fato utilizadas pelos falantes – daí a expressão "regras que *são seguidas*". (IDEM, 1996: 65).

---

[3] - Na teoria tradicionalista (normativa) nem se fala em discriminação, pois há um apagamento das variedades, isto é, não existe - tal variação - somente há a norma tida como padrão/culta, conforme verificarmos em Antunes (2007); Britto (1997); Neves (2003) e tantos outros.

Ao contrário da normativa, nesta concepção as variações são aceitas, e as línguas são explicitadas e/ou descritas a partir da forma como são faladas, ou seja, preocupa-se com o seu uso funcional e não com a sua norma gramatical.

Por fim, a concepção de linguagem como processo de interação se enquadra nos conceitos da gramática internalizada. Nesta concepção, os seus usuários podem livremente dizer da maneira que sabem, e tais frases ou palavras serão compreendidas pelos demais, podemos dizer que é o conjunto de regras que o falante domina. Ao contrário das outras concepções, esta situa a linguagem como lugar de interação humana, isto é, lugar da constituição das relações humanas.

> (...) refere-se a hipótese sobre os conhecimentos que habilitam o falante a produzir frases ou seqüências de palavras de maneira tal que essas frases e seqüências são compreensíveis e reconhecidas como pertencendo a uma língua. (POSSENTI, 1996: 69).

Notamos que o que vale realmente nesta concepção é o conhecimento natural, interior do falante, isto é, a capacidade que cada um tem de se expressar, comunicar-se e ser compreendido pelo seu ouvinte, mesmo que essas frases estejam erradas na visão da gramática normativa (tradicionalista).

Sabemos que qualquer falante de sua língua expressa-se e é entendido pelo seu ouvinte, mesmo aquele que nunca tenha tido acesso aos meios educacionais necessários [podendo ser até uma pessoa analfabeta], tendo em vista que o ser humano é dotado de capacidades inúmeras, sendo que dentre essas, está a faculdade de poder expressar e comunicar-se tanto em seu meio, quanto em ambientes que o mesmo não tenha tanto contato ou nunca teve. Um ótimo exemplo disto é que uma criança desde muito cedo, logo ao começar a falar é compreendida em suas falas, mesmo que estas estejam longe da norma tida como culta ou padrão.

Podemos dizer então que qualquer pessoa, como, por exemplo, um analfabeto e/ou uma criança, já estão dotados de uma gramática internalizada, já que esta independe de qualquer saber educacional, de regras e normas gramaticais. Para expressar melhor nossas palavras, transcreveremos uma pequena parte da obra “Mas o que é mesmo gramática?”, que nos servirá de grande contribuição e apoio no presente ensaio, pois o autor (Franchi, 2006), brilhantemente discorre acerca do que é gramática, na forma mais ampla e possível da palavra.

> Gramática corresponde ao saber lingüístico que o falante de uma língua desenvolve dentro de certos limites impostos pela sua própria dotação genética humana, em condições apropriadas de natureza social e antropológica. "Saber gramática" não depende, pois, em princípio, da escolarização, ou de quaisquer processos de aprendizado sistemático, mas da ativação e amadurecimento progressivo (ou da construção progressiva), na própria atividade lingüística, de hipóteses sobre o que seja a linguagem e de seus princípios e regras. (IDEM, 2006: 25).

Assim, notamos que o saber lingüístico e gramatical da língua está intimamente em cada um, pois tão somente o contato com o uso desta língua faz-nos capazes de interagir na sociedade. Contudo, esclarecemos aqui que o nosso intuito não é de dizer que uma seja melhor que a outra, ou seja, que a gramática internalizada é melhor ou pior que a teórico-normativa/prescritiva e/ou a descritiva e vice-versa, nosso objetivo é de mostrar um ensino de língua portuguesa que as utilizam conjuntamente.

1.1 - Instituição Escolar e o ensino gramatical

As escolas, infelizmente, ainda hoje em sua maioria, primam por uma saber voltado para o ensino exclusivamente direcionado para a gramática normativa/prescritiva, entretanto devemos ser mais receosos quando tratamos da língua portuguesa, pois aquela acaba por excluir o saber gramatical e lingüístico que cada aluno traz para a sala de aula, fazendo com que este seja obrigado a tomar essa nova forma de conceber a língua como a única forma correta de se expressar, conseqüentemente desprezando as demais.

Nos últimos anos, porém, tem se debatido com mais veemência a questão do ensino, principalmente, aquele dotado de regras e normas da variedade tida como prestigiada.

Hoje em dia já podemos ver um ensino mais democrático, mesmo ainda com muita resistência por parte dos defensores da gramática normativa, isto é, uma tentativa de conceber o ensino da gramática pautado na junção dos três tipos (normativo, descritivo e internalizado), num intuito de expor o ensino da língua portuguesa em uma realidade acessível, já que o anterior estava quase ficando no status de "intocável", haja vista que já não mais condizia com a realidade das escolas brasileiras.

> A concepção de gramática que estamos descrevendo não ignora, como nas anteriores concepções, os problemas da variação lingüística. É claro que se reconhecem as diferenças entre a modalidade culta escrita e a modalidade coloquial. Há, no entanto, desacordos profundos de conceituação e de atitude.
>
> 1°. No novo ponto de vista, deve-se reconhecer a existência de princípios e regras tanto em uma como em outra modalidade.
> 2°. No domínio da gramática de uma outra língua ou de uma modalidade de língua diferente daquela a que teve acesso, a criança não depende de um aprendizado externo, mediante a formulação explícita de normas e regras a serem seguidas. Ao contrário, depende, sobretudo de uma atividade lingüística diversificada, que permita à criança ter acesso a novos modos de dizer e a outros recursos expressivos equivalentes aos de sua linguagem. Assim, o objetivo fundamental da escola em levar a criança a dominar também a modalidade culta-escrita de sua língua se realiza, principalmente, oferecendo-se à criança condições, instrumentos e atividades que a façam ter acesso às formas lingüísticas diferenciadas e operar sobre elas. (FRANCHI, 2006: 28/29).

Mesmo com esse ensino tido como mais atualizado com as questões gramaticais e lingüísticas, sabemos que o grande responsável ainda e quase que exclusivo seria o professor de LP. Entretanto, deveria ser mais igualitária essa responsabilidade, visto que todos os docentes estão direta ou indiretamente ligados ao ensino de língua. Esclarecemos esse ponto, já que poderá ficar ambíguo num primeiro momento.

> (...) qualquer disciplina do currículo tem como meio de acesso a seus conteúdos a língua, oral e escrita. Logo, em toda aula, ocorrem

> atividades de leitura, de interpretação, de resolução de *questões que*, antes de tudo, *precisam ser entendidas*. (...) mobilizam, com certeza, conhecimentos lingüísticos (do léxico e da gramática), além de conhecimentos textuais. Todas as atividades, conseqüentemente, teriam como suporte, como estímulo, textos, verbais e não-verbais, que seriam explorados na dimensão de seu sentido e das informações que veiculam. (Antunes, 2007: 153).

Estamos querendo dizer aqui que, na maioria das vezes em sala de aula, seja o professor de geografia ou história - ou outra matéria qualquer - utilizam-se demasiadamente de textos, contudo sabemos que os usam para seus fins específicos da matéria, não os aproveitam para que os alunos possam notar as riquezas que se pode encontrar, num processo de reflexão textual. Encontramos nas palavras a seguir, alicerce mais que consistente para o que expusemos acima.

> Sei bem das dificuldades que enfrenta o professor para aprimorar os seus instrumentos descritivos e já fiz referência a isso: certamente não se pode colocar a desinformação gramatical a sua culpa e cargo. Mas é bom ter consciência de que, para superar a gramatiquice de nossos exercícios escolares, a solução não é abandonar a gramática: os professores, eles estão necessitados de uma gramática bem mais completa e descritivamente eficaz. E de uma boa lingüística. Não são, entretanto, os vícios descritivos da gramática escolar que constituem a questão mais importante. Há ainda outras duas a considerar para que as atividades de natureza gramatical se compatibilizem com o aspecto criativo da linguagem. Uma delas é a de recuperar no estudo gramatical a dimensão do uso da linguagem, outra relativa às estratégias utilizadas no "ensino" da gramática. (FRANCHI, 2006: 73/74).

Notamos que se não houver um comprometimento no âmbito escolar em relação ao ensino de língua, e principalmente o de LP, nossos alunos estarão à mercê de um ensino que não visa a real necessidade dos alunos, ou seja, que estes possam utilizar sua língua da melhor maneira e nas mais variadas ocasiões possíveis.

Atualmente há uma tentativa de se unificar a nossa gramática, no sentido de interação das correntes normativa, descritiva e internalizada, entretanto, esse intuito está longe de uma resolução, haja vista que ainda há e muito os defensores daquela gramática voltada para as normas e regras, pautadas no dialeto padrão, isto é, estabelecendo como padrão a escrita literária. Em outras palavras, cabe á escola mostrar as variedades e conscientizar, principalmente os alunos das condições sócio-históricas e econômicas que engendram o prestígio da variedade padrão.

A escola que sonhamos seria aquela que traria para as salas de aula e pudesse unificar os dialetos diversificados encontrados dentre de seus portões, fazendo com que cada um respeitasse o falar do outro, não tomando um como sendo o melhor, só assim poderíamos caminhar para o sucesso, haja vista que se assim o fosse, o trabalho em sala de aula fluiria da melhor forma possível, pois os professores não estariam somente preocupados em tentar consertar as falas (língua) de seus alunos, e principalmente a escrita (gramática) destes, já que esse é um dos principais ofício da escola.

> De fato, ir além da gramática implica também ir além da nomenclatura. No entanto, vale lembrar a pertinência de que, ao explorar questões de gramática, nos fixemos nas condições de seus usos e nos efeitos discursivos possibilitados pelo recurso a uma ou a outra regra,(...) Portanto, a escolar precisa atribuir à nomenclatura gramatical uma função apenas suplementar, embora de alguma relevância e como parte de um saber metalingüístico, que, por sua vez, também é parte do patrimônio da comunidade. (ANTUNES, 2007: 81/82).

Partindo dessa premissa, poderíamos então fazer com que os textos utilizados e demais materiais didáticos e pedagógicos escolares fossem realmente úteis, pois o que ocorre hoje em dia, chega até a ser injusto com os discentes, que acabam até não sabendo por qual motivo este ou aquele texto ou material didático/pedagógico não foi utilizado em sua totalidade, somente fragmentos isolados, fazendo com que os alunos sejam apenas repetidores de exercícios, regras, normas e classificações, etc., o qual acabará se tornando refém de seus próprios materiais escolares.

> (...) crítica às atividades gramaticais nas escolas somente é válida para quem continua concebendo a gramática de um modo estreito e restrito

> ou para quem a pratica em exercícios escolares em que estão em jogo somente questões de segmentação, descoberta e traços categoriais, classificações e nomenclatura. Baseando-se quase exclusivamente em sua própria intuição e sensibilidade, pode o professor explorar em cada texto ou discurso, até na mais simples oração, as inúmeras possibilidades de um exercício gramatical diretamente relacionado com as condições lingüísticas de produção dos enunciados, com o desenvolvimento dos recursos expressivos de seus alunos, com a arte de selecionar entre eles os que mais lhe pareçam adequados a suas intenções e ao estilo com que se quer caracterizar. (FRANCHI, 2006: 100/101).

Acaba-se então o professor, ou melhor, a instituição escolar que está tão arcaica, por passar horas e horas para que os seus docentes cumpram na elaboração de planos de aulas, sendo que estes são, na verdade, uma grande fachada, pois o plano de aula acaba por maquiar a grande verdade, isto é, na maioria das vezes até os livros didáticos já estão escolhidos pela escola, a qual somente repassará ao professor, e este o utilizará, na pior das hipóteses, de capa-a-capa, e não fará uso do que tem de melhor a sua volta, ou seja, a vivência e/ou cotidiano de seus alunos. Exemplificando melhor, o aluno receberá um monte de informações, que quase em sua totalidade não lhe será de grande valia, ou sendo esperançoso, as utilizará raramente em seu dia-a-dia.

1.2 - Gramática: ensinar ou não ensinar?

Eis aqui um ponto que não poderia deixar de ser debatido e/ou apontado, não que pensamos ser possível postularmos soluções definitivas no âmbito deste trabalho, mas para que possamos levantar alguns pontos e questionamentos acerca desta problemática, e talvez sugerirmos alternativas plausíveis, alicerçados obviamente em algumas reflexões teóricas.

Ensinar ou não gramática é um dos pontos mais polêmicos no ensino de L.P, haja vista que o falante já está intimamente (desde criança) em contato com a gramática, no sentido de regras que o falante domina, ou seja, ele domina a gramática de sua comunidade, do seu meio social, etc.

Como sabemos, a sala de aula é entendida como lugar prestigiado para o ensino de língua, mas há de se considerar o lugar discursivo dos alunos, já que aquele se constitui a partir de outros discursos, e estes é que são a constituição do sujeito, e por isso, é que por trás de qualquer que seja o discurso, sempre haverá um outro discurso, conforme a Teoria da Análise do Discurso, segundo os autores pesquisados.

Notamos que o ensino de língua no país passa por sérios questionamentos, uma vez que este não estaria surtindo efeito nas reais necessidades dos alunos fora do espaço escolar. Sendo assim, para que ocorra necessariamente o processo de legitimação do ensino de língua, é necessário tornar claro o que seja realmente gramática, já que esse é, de fato, ainda hoje, um divisor de águas entre as diversas posições em relação ao ensino de língua na escola.

Parafraseando Possenti (1996: 47), "ensinar língua é bem diferente de ensinar gramática". Exemplificando, podemos dizer que muitas vezes a escola coloca o ensino de língua como o ensino de gramática, e o ensino desta como o ensino de normas e regras que devem ser seguidas para se tornar um bom falante. Porém, aprender uma língua é aprender e entender que uma mesma coisa pode ser dita das mais variadas maneiras[4].

Acrescentamos ainda que o que se tem que ter em mente na instituição escolar é que agora damos aula também à camada tida com inferior da sociedade, a qual, na maioria das vezes, tem sua própria língua, e, conseqüentemente, a gramática desta língua, assim, devemos, sem sombra de dúvida, darmos condição para que possam agora estes alunos, - a partir da sala de aula - usufruir da língua de prestígio (norma padrão), e sua gramática, conjuntamente com a que ele traz do seu meio (internalizada).

> (...) o ensino de língua, inclusive no que diz respeito à reflexão metalingüística e aos conhecimentos da língua enquanto fenômeno, não se confunde com a apresentação formal de uma teoria gramatical nem se limita ao nível da frase; e que, considerando equivocada e ideológica a associação entre norma culta e escrita e a inexistência de uma modalidade superior unificadora das variedades faladas do português (...) O papel da escola deve ser o de garantir ao aluno o acesso à escrita e aos discursos que se organizam a partir dela. (BRITTO, 1997: 14).

---

[4] - Para Possenti (1996: 20) (...) Ler e escrever não são tarefas extras que possam ser sugeridas como lição de casa e atitude de vida, mas atividades essenciais ao ensino da língua. Portanto, seu lugar privilegiado, embora não exclusivo, é a própria sala de aula".

Devemos ainda mencionar que, como bem destacou Possenti (1997: 17), "(...) o objetivo da escola é ensinar o dialeto padrão" e elenca também que qualquer outra hipótese é um equívoco político e pedagógico, complementando ainda que "há um equívoco em não se perceber que os menos favorecidos socialmente só têm a ganhar com o domínio de outra forma de falar e escrever". Verificamos mais ainda posicionamento semelhante e que vai ao encontro das palavras de Possenti.

> A tese de que não se deve ensinar ou exigir o domínio do dialeto padrão dos alunos que conhecem e usam dialetos não padrões baseia-se no preconceito segundo o qual seria difícil aprender o padrão. Isso é falso, tanto do ponto de vista da capacidade dos falantes quanto do grau de complexidade de um dialeto padrão. As razões pelas quais não se aprende, ou se aprende e não se usa um dialeto padrão, são de outra ordem, e têm a ver em grande parte com os valores sociais dominantes e um pouco com estratégias escolares discutíveis. Três razões: o padrão tem muitos valores e não pode ser negado; não é verdade que ele desculturaliza, que veicula necessariamente uma só ideologia. Não é verdade que é muito difícil – o não-padrão os alunos já sabem. Falar em não ensinar o padrão equivale a tirar o português das escolas. (GERALDI, 2001: 33).

Assim, podemos dizer que não há motivos para não se ensinar na escola o dialeto tido como padrão. Contudo, o que se deve é tomar muito cuidado, e se possível, evitar é uma reflexão muito prescritiva/normativa, tal qual é atualmente praticada na instituição escolar.

É comum ouvirmos nos corredores e até mesmo em sala de aula que o aluno não gosta de português, entretanto, se aprofundarmos bem a questão veremos que do que ele não gosta realmente é o modo como lhe é transmitido a matéria de português, quase que exclusivamente através de regras[5], exercícios totalmente descontextualizados de seu dia-a-dia. O que acontece em sua grande maioria são livros didáticos sem conteúdo, sem uma visão clara e crítica do que se deve aplicar necessariamente no cotidiano em sala de aula.

Devemos ter em mente e bem claro, então, que o ensino de Língua Portuguesa na escola tem o principal papel e/ou objetivo de mostrar ao aluno a norma tida como padrão/culta, sem, contudo deixar de apresentar-lhe também que esta norma é uma entre as várias existentes na nossa língua, apesar daquela ser a de mais prestígio em termos da língua da sociedade.

---

[5] - Constatamos que Antunes (2007) e outros autores preconizam que as regras devem ser ensinadas, mas não é o que se vê realmente nas escolas, pois as atividades desenvolvidas em sua maioria são taxionomia e nomenclatura, sendo que estas não são regras.

CAPÍTULO II

O ENSINO GRAMATICAL EM SALA DE AULA: UMA VISÃO DOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

Neste capítulo, analisaremos as questões formuladas aos professores de uma escola de ensino fundamental e médio da cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade - Mato Grosso, acerca do ensino gramatical em sala de aula da língua portuguesa (língua materna) e suas respostas respectivamente.

Iremos verificar que gramática é trazida para a sala de aula e quais conteúdos freqüentemente encontramos no(s) caderno(s) do(s) aluno(s) que convergem para a concepção de gramática vinculada ao discurso do(a) professor(a), sendo que, para termos uma sugestão - ou quem sabe uma posição - mais consistente para os futuros leitores deste trabalho, buscamos organizar as seguintes seqüências selecionados das questões formuladas aos mencionados professores de língua portuguesa, sendo que, as respostas dos mesmos aparecerão ao longo deste capítulo como: **P - 1**; **P - 2** e **P - 3**, e o(s) caderno(s) do(s) aluno(s) do(a) professor(a) P-2 da seguinte forma: **A - 1**. Salientamos que, ante a recusa não foi possível a coleta dos cadernos dos alunos dos outros professores para que pudéssemos ter maiores elementos em nossa pesquisa.

[1] - Você trabalha gramática?

Respostas: **P - 1**: Sim; **P - 2**: Sim, trabalho a gramática contextualizada e **P - 3**: Sim.

[2] - ***Como você define gramática?***

Respostas: **P - 1**: Uma parte da língua portuguesa indispensável;

P - 2: A gramática seria definida como "conjunto de regras"; e

P - 3: Conjunto de regras.

Nas respostas dos professores na seqüência [1], podemos verificar que são unânime em suas respostas [1] acerca do trabalho com a gramática, ***P - 1: Sim; P - 2: Sim, trabalho a gramática contextualizada; e P - 3: Sim***, e não seria diferente, já que na instituição escolar, primordialmente o ensino de língua portuguesa passa pelo ensino (trabalho) com a gramática. Nos manuais escolares, bem como, nos livros didáticos o ensino de gramática é visto como essencial para o alunado, visto que, estes já possuem uma gramática internalizada (do meio em que vivem, etc.), assim, a escola é obrigada a ensinar-lhes a gramática da elite, ou seja, a gramática normativa/prescritiva, visto que, somente esta é que tem valor em nossa sociedade.

Verificamos também na resposta do **P-2**, que além do mesmo trabalhar com a gramática como os demais professores pesquisados, aquele ainda diz que trabalha com a gramática contextualizada, entretanto, ao observarmos o caderno de seu aluno **[A-1]**, não podemos comprovar fielmente essa afirmação, tendo em vista que as atividades propostas em sala de aula ficaram relativamente soltas (processos de formação de palavras; considerações sobre a noção de um texto; uso do livro didático, e etc.) conforme o anexo II.

Os professores em suas respostas [2] ***Como você define gramática? P - 1: Uma parte da língua portuguesa indispensável; P - 2: A gramática seria definida como "conjunto de regras"; e P - 3: Conjunto de regras***; mostra-nos o efetivo trabalho com a gramática das respostas [1], principalmente nas respostas de **P-2** e **P-3**, dando a entender que fazem o uso da gramática normativa em sala de aula, e não seria diferente, mesmo porque a instituição escolar está a este serviço, em outras palavras, ensina um conjunto de regras através dos exercícios propostos - ou ao menos se tenta - que devem ser seguidas pelos falantes da língua portuguesa.

> a palavra 'gramática' significa 'conjunto de regras', e tal expressão poder ser entendida como: *conjunto de regras que devem ser seguidas (gramática normativa);* conjunto de regras que são seguidas (gramática descritiva); conjunto de regras que o falante da língua domina (gramática internalizada). (grifos nossos). (POSSENTI, 1996: 64).

Assim, mesmo que os citados docentes não nos relatem com clareza que fazem o uso da gramática normativa, sabemos que dentro dos portões escolares é esta que é utilizada freqüentemente por todos, principalmente em sala de aula, já que aqueles visam em suas aulas de língua portuguesa corrigirem o "certo" e o "errado" nas atividades propostas aos alunos, sempre visando o dialeto padrão ou prestigiado socialmente.

Podemos verificar melhor e com mais clareza o que expusemos acima nas respostas **[3]** e **[4]** a seguir dos aludidos professores:

[3] - Na sua opinião, ensinar gramática é:

Respostas: **P - 1**: Necessário; **P - 2**: Possível; e **P - 3**: Necessário.

[4] - Para que se ensina gramática?

Respostas: **P - 1**: A gramática é uma forma de ajudar os alunos a escrever melhor e se comunicar;

P - 2: Os estudos de gramática têm como objetivo maior aprimorar o desempenho lingüístico dos falantes, levar os estudantes a uma postura de reflexão sobre a língua e a linguagem. Isso significa conhecer a estrutura gramatical que organiza os textos, as regras que permitem diferentes possibilidades de combinar palavras para construir frases; e

P - 3: Para que os alunos sejam capazes de expressar e adquirir conhecimento de modo formal que no seu cotidiano as regras gramaticais sejam utilizadas.

Nas seqüências **[3]** e **[4]**, podemos observar que é visivelmente encontrado, em sala de aula, professores com uma visão preconceituosa acerca do ensino gramatical, visto que a gramática é ensinada principalmente pela memorização de nomenclaturas, mecanização, pronta e acabada, somente restando ao aluno acatá-la, pois não lhe é permitido perguntar "para que?" este ou aquele conteúdo lhe servirá dentre os conteúdos gramaticais.

Em sua resposta **[4]**, expõe o professor **(P-2)** "***Os estudos de gramática têm como objetivo maior aprimorar o desempenho lingüístico dos falantes*, levar os estudantes a *uma postura de reflexão sobre a língua e a linguagem*. Isso significa conhecer a estrutura gramatical que organiza os textos, as regras que permitem diferentes possibilidades de combinar palavras para construir frases**". (grifos nossos), entretanto, será que realmente os alunos nas aulas de língua portuguesa estariam "aprimorando o seu desempenho lingüístico com os estudos de gramática", e ainda, "levando-os a uma postura de reflexão sobre a língua e a linguagem".

Se analisarmos bem o caderno do aluno (A-1) deste professor (P-2), vejamos: ***Processos de Formação de palavras.*** * ***Palavras Primitivas.*** * ***Palavras Derivadas (...)*** * ***Composição (...). (p.01 do anexo II); Considerações sobre a noção de texto. (p. 03 do anexo II); Uso do livro didático [capítulo 3 - página 152 à 155; Trocando Idéias - página 156]. (p. 05/06 do anexo II)***, observaremos que os conteúdos até então passados em sala de aula, pouco ou quase nada contribuirão substancialmente para que os alunos possam almejar um aprimoramento lingüístico e uma reflexão sobre a língua e a linguagem, conforme a resposta deste(a) último(a) professor(a), pois, conforme já descrevemos anteriormente, as atividades propostas, em sua maioria nesta sala de aula, não passaram de conteúdos que não se relacionam diretamente entre si, como: processos de formação de palavras; considerações sobre a noção de um texto; e principalmente o uso do livro didático, etc.

> O ensino da gramática assim vista nada mais é do que a simples transmissão de conteúdos expostos no livro didático em uso. Na verdade, ao indicar os exercícios que mais freqüentemente propõem a seus alunos, os professores revelaram uma preferência maciça por dois tipos, ambos representativos de uma simples atividade de catalogação de entidades: classificação de palavras e discriminação de funções sintáticas. Para fugir á acusação de trabalhar artificialmente a gramática – já que trabalham com palavras soltas –, os professores, na sua maioria, afirmaram que, no ensino gramatical, partem de textos, ou, no mínimo, de frases. Isso, porém, nada mais representa do que retirar palavras e frases ou de textos e trabalhar com elas com entidades de estatuto autônomo. (sublinhamos). (NEVES, 2002: 238).

Podemos concluir, então, que o ensino de gramática nas escolas acabasse por fazer retirada de fragmentos dos textos, quando não de frases soltas, aleatoriamente já pré-definidas nos livros didáticos, ocasionando um ensino deficitário (somente repasse de informações aos alunos), isto é, o aluno recebe informações e/ou conteúdos, os quais na maioria das vezes não lhe fazem nem sentido, nem ao pouco lhes serão úteis realmente, já que o que se estudará, na verdade, serão classificações de palavras, definições, etc., sem que haja um raciocínio por partes dos alunos sobre o emprego e o funcionamento efetivo destes.

Os fragmentos abaixo [5] e [6], irão nos dar algumas idéias de como os professores entrevistados vêem para que se usa a gramática que é ensinada, bem como se é observado por estes melhoras nos textos, tanto oral como escrito, de seus alunos. Verifiquemos a seguir:

[5] - Para que se usa a gramática que é ensinada?

Respostas: **P - 1**: Para ajudar os alunos a escrever melhor e se comunicar;

P - 2: A gramática ensinada proporciona aos estudantes uma reflexão a análise críticas sobre o uso de sua língua materna; e

P - 3: Para melhorar o seu vocabulário de modo oral e escrito, e que sejam capazes de escrever na forma escrita padrão culta e com clareza;

[6] - Você observa alguma melhora nos textos (orais/escritos) de seus alunos em decorrência do ensino de tópicos gramaticais?

Respostas: **P - 1**: Dos poucos alunos compromissados com os estudos, sim;

P - 2: A questão da produção de texto é um processo longo, portanto não terá um resultado bom de imediato; e

P - 3: Sim;

Nas respostas dos professores [5], constatamos que ***P - 1: Para ajudar os alunos a escrever melhor e se comunicar;e P - 2: A gramática ensinada proporciona aos estudantes uma reflexão a análise críticas sobre o uso de sua língua materna;*** observamos que **(P-1)** diz em outras palavras que, "a gramática ensinada em sala de aula ajudará o aluno a escrever melhor e se comunicar", mas é sabido de que todo falante de uma língua - em nosso caso, a língua portuguesa -, desde muito tenra idade, é capaz de comunicar-se em seu meio e é entendido pelo(s) seus(s) ouvinte(s), a saber, todo falante nasce com essa capacidade de comunicar, assim, independe do ensino da gramática escolar (normativa), já que é dotado de uma gramática particular (internalizada).

Já na resposta do **(P-2)**, notamos que este em suas palavras não diferencia muito de **(P-1)** indo mais além, dizendo que: **(...)** ***proporciona aos estudantes uma reflexão a análise críticas sobre o uso de sua língua materna.*** (grifos nossos), contudo se contrapusermos esta resposta com o caderno de seu aluno **[A-1]**, (conforme Anexo II) - o que já foi exposto acima explicitamente por nós -, aparentemente não encontraremos, nos exercícios propostos por aquele, nenhuma atividade que levará seus alunos a "uma reflexão a análise críticas sobre o uso de sua língua materna". Para que fique claro o que dissemos, basta atentarmos cuidadosamente para os exercícios propostos, já que são providos de atividades desconexas, conforme expusemos na análise das respostas **[3]** e **[4]** anteriormente.

No fragmento **[6]**, não há uma unanimidade, um consenso entre os entrevistados. Assim, podemos dizer que essa alegada "melhora nos textos (orais/escritos) dos alunos em decorrência do ensino de tópicos gramaticais", somente estaria surtindo efeito no âmbito dos portões escolares, visto que tal ensino não estaria visando à real necessidade do(s) alunado(s), ou seja, a exposição às variedades de língua e às diversas concepções gramaticais (normativa, descritiva e internalizada) para que sejam capazes de um uso reflexivo da língua/linguagem e compreender suas funções. Contudo observamos que a instituição escolar visa tão somente o dialeto padrão, desprezando os demais, taxando-os de errados. Segundo Neves (2002), a escola deveria dar condições para a criança compreender melhor a sua língua, e conseqüentemente a gramática desta.

> O mínimo que se espera da escola é que ela se esforce para prover à criança toda a apropriação de vivências e de conhecimentos que lhe assegure um domínio lingüístico capaz de garantir a produção de textos adequados às situações, de modo que ela possa ocupar posições na sociedade. (...) Para que a criança cada vez mais "saiba" a sua língua, a escola tem de expô-la a diferentes registros, levando-a a compreender as funções que a própria existência de subcódigos tem na sociedade. (IDEM, 2002: 231-232).

Por fim, verificamos nos fragmentos **[7]** e **[8]**, as dificuldades apresentadas pelos discentes, e em quais tópicos os mesmos costumam ter mais dificuldades, conforme transcrevemos:

[7] - A que se deve à dificuldade dos alunos?

Respostas: **P - 1**: A falta de compromisso com o seu próprio estudo;

P - 2: A dificuldade dos alunos deve-se talvez ao método tradicional, ou seja, o estudo da gramática era confundido com conhecimento de nomenclatura, classificação de palavra e orações, memorização de regras e suas exceções; e

P - 3: A falta de leitura, o mau uso das regras gramaticais e o vocabulário pobre;

[8] - Em que tópicos os alunos costumam ter mais dificuldade?

Respostas: **P - 1**: Em todos, pois, os alunos não estão interessados em aprender e sim em passar de uma série para a outra. O aluno interessado não tem dificuldade, pois ele presta atenção na explicação, faz perguntas e as atividades;

P - 2: Em todos os tópicos gramaticais; e

P - 3: Na concordância, no uso do termo "a gente" e a falta de pontuação.

Nas respostas dos professores supra, encontramos o retrato da real condição em que se encontra a maioria das nossas escolas públicas, visto que podemos observar com mais clareza nas palavras a seguir do fragmento [7] ***P - 1: A falta de compromisso com o seu próprio estudo; P - 2: A dificuldade dos alunos deve-se talvez ao método tradicional, ou seja, o estudo da gramática era confundido com conhecimento de nomenclatura, classificação de palavra e orações, memorização de regras e suas exceções; e P - 3: A falta de leitura, o mau uso das regras gramaticais e o vocabulário pobre;*** (grifos nossos), verificamos que a escola prega-nos o ensino da gramática tradicional (normativa), ou seja, um ensino da língua portuguesa voltado para a classificação e definição das palavras, etc., ocasionando conseqüentemente, a falta de compromisso dos alunos com o seu próprio estudo, segundo **[P-1]**.

Constatamos mais ainda este fato, na seqüência **[8]**, onde os professores relatam-nos detalhadamente a situação atual em sala de aula, complementando de maneira substancial o que dissemos acerca das respostas [7]. Nas palavras a seguir podemos averiguar com mais clareza o que já expusemos anteriormente, senão vejamos: ***P - 1: Em todos, pois, os alunos não estão interessados em aprender e sim em passar de uma série para a outra. O aluno interessado não tem dificuldade, pois ele presta atenção na explicação, faz perguntas e as atividades; P - 2: Em todos os tópicos gramaticais; e P - 3: Na concordância, no uso do termo "a gente" e a falta de pontuação.*** Averiguamos nas palavras dos professores, que ainda continua a problemática escolar acerca do ensino gramatical, tendo em vista que, mesmo com a instituição escolar sendo a mantenedora da língua padrão/culta e de sua gramática (tradicional/normativa/prescritiva), este não estaria surtindo os efeitos esperados pela escola, haja vista que os alunos (conforme as próprias palavras dos professores pesquisados) "não mostram-se interessados com o próprio estudo, e sim em passar de ano –

de uma série para a outra". Sendo assim, a(o) professor(a) se exime do fracasso, afinal, este não está relacionado as metodologias discutíveis nem à abordagem do conteúdo em sala, mas ao desinteresse do próprio aluno. Entretanto, não se questiona até que ponto esse desinteresse decorre da própria escola.

> Assim, é comum professores alegarem que "ensinam" determinadas noções porque elas serão exigidas pelas séries seguintes, pelo vestibulinho, pelo vestibular. Não se dão conta de que esta exigência acaba se fechando no interior da própria estrutura do sistema escolar. Passado o tempo de nele viver, esquece-se a informação. E não é preciso chegar ao final da escolaridade. Entre a gramática de uma língua, no sentido de produto de descrição, e a gramática pedagógica, vai enorme distância. (GERALDI, 1997: 91).

Verificamos que o que ocorre realmente na escola é que se trabalha com dados e fatos pré-estabelecidos nos manuais, etc., ocasionado necessariamente uma não-reflexão sobre os seus resultados, pois estes já estão previamente relatados (produzidos) pelo tido saber culto daqueles compêndios.

Observamos que isso acontece na maioria dos casos porque a apresentação do ensino gramatical como mera listagem de nomenclaturas não é tão significativo para o aluno, especialmente porque a metalinguagem é de sobremaneira esvaziada de significados para o falante que não domina a variedade conhecida como padrão.

Compreendemos através das entrevistas concedidas pelos professores, em suas respostas de um modo geral, que fazem ou ao menos se tem tentado, trabalhar em sala aula a língua padrão, e sua gramática, visto que ambas estão estritamente ligadas. Contudo, as atividades propostas na maioria das vezes [conforme notamos no caderno do(a) aluno(a) A-1], não passaram de exercícios propostos quase em sua totalidade extraídos dos livros didáticos, os quais acabam quase que exclusivamente por levarem a culpa pelo fracasso do aluno na escola, isto é, no ensino da língua.

> Em primeiro lugar, o professor assume que o autor do livro há de "saber" mais que ele, e que, portanto, deve ser melhor mestre do que

> ele; em segundo, ele não tem tempo para preparar suas lições de tal modo que, antes de entregar o livro ao aluno, tome distância de tudo que ali está, e faça o seu plano de ação. (NEVES, 2002: 233).

Assim, constatamos nas respostas destes professores que há um jogo de empurra-empurra de responsabilidade, visto que estes acabam por dizer que a real dificuldade dos seus alunos é: ***"... os alunos não estão interessados em aprender e sim em passar de uma série para outra. Em todos os tópicos gramaticais. Na concordância, (...) e a falta de pontuação".*** Entretanto, devemos ser mais céticos quando tratarmos do ensino de língua, e sua gramática, pois, primeiramente, nós professores é quem somos os maiores responsáveis por transmitir deste ensino, e, em segundo lugar, se não partir de nós - educadores - uma reflexão mais detalhada e consciente de como anda o ensino escolar, não poderemos cobrar de nossos alunos um maior interesse em aprender, e consequentemente, um apreender este ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que há diversas publicações na área da Língua Portuguesa, principalmente acerca do ensino e a gramática. Assim é, desde muito tempo, debatido como anda o ensino brasileiro. Meios e métodos de ensinamento são constantemente criticados por muitos, entretanto, na maioria das vezes não se mostra o cerne do problema, só ficando na mera especulação, ou quando se tenta mostrar - os críticos e/ou estudiosos no assunto -, não entram em consenso.

Constatamos, ao longo deste trabalho, que a língua deve ser vista em sua forma mais ampla, visto que a mesma é mutável, em constante transformação, não devemos então ficar arraigados demasiadamente em manuais que tentam impor-nos um falar e escrever bem. Parafraseando Possenti (1996), a gramática que os compêndios veiculam acaba por desfacetar a realidade, pois indica um modelo de língua que, na verdade, a maioria não utiliza habitualmente. Complementa ainda que tendo em vista a magnitude da língua, a qual é de natureza variável, em constante mudança (temporal, geográfico, etc.), e principalmente pelas divisões das classes sociais na sociedade.

Assim sendo, verificamos que os professores em sua grande maioria, os quais ignoram as variedades da língua, acabam por verem as formas não-cultas como erros, e quem as utilizam são tachados de incapazes.

Ressaltamos ainda que não temos a intenção de modificar as formas de como os professores irão daqui em diante ministrar suas aulas, e sim, de que possa haver reflexões acerca de como está sendo conduzido o atual ensino, haja vista que o mesmo pauta-se ou ao menos transmite-nos em um conceito de gramática e língua de uma forma única, como se não existissem as variações na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática:** ***por um ensino de línguas sem pedras no caminho***. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. (Estratégias de ensino; 5).

BAGNO, Marcos (Org.). **Lingüística da Norma**. São Paulo: Loyola, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio**. Brasília, DF. SEMTEC, 2002.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **A sombra do caos:** ***ensino de língua X tradição gramatical.*** Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil. 1997. (Coleção Leituras no Brasil).

FRANCHI, Carlos. **Mas o que é mesmo "gramática"?** São Paulo: Parábola Editorial, 2006. (Na ponta da língua; 15).

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino:** ***exercícios de militância e divulgação.*** São Paulo: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996. (Coleção Leituras do Brasil).

________. **Portos de passagem.** 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Texto e linguagem).

________. (Org). **O texto em sala de aula.** 3 ed. São Paulo: Ática, 2001. (Coleção na sala de aula).

LIMA, José Leonildo e DA SILVA, Teresa de Pazos. (Orgs.). **Roteiro para elaboração de trabalhos acadêmicos e monografia.** Cáceres, MT: Editora Unemat, 2005.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática estudar na escola?** ***Norma e uso na Língua Portuguesa.*** São Paulo: Contexto, 2003.

_______. **A Gramática:** ***história, teoria e análise, ensino.*** São Paulo: Editora UNESP, 2002.

POSSENTI, Sírio. **Porque (não) ensinar gramática na escola.** Campinas, São Paulo: ALB: Mercado das Letras, 1996. (Coleção Leituras no Brasil).

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 17 ed. rev. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991. (Coleção educação contemporânea. Série metodologia e prática de ensino).

ANEXO I

QUESTÕES FORMULADAS AOS PROFESSORES DE UMA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO DA CIDADE DE VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE - MATO GROSSO.

RESPOSTAS DO(A) PROFESSOR(A) - 1 [P-1]

1 - Você trabalha gramática?

R: Sim.

2 - Como você define gramática?

R: Uma parte da língua portuguesa indispensável

3 - No sua opinião, ensinar gramática é:

( ) possível ( )impossível (X)necessário ( )desnecessário

4 - Para que se ensina gramática?

R: A gramática é uma forma de ajudar os alunos a escrever melhor e se comunicar.

5 - Para que se usa a gramática que é ensinada?

R: Para ajudar os alunos a escrever melhor e se comunicar.

6 - Você observa alguma melhora nos textos (orais/escritos) de seus alunos em decorrência do ensino de tópicos gramaticais?

R: Dos poucos alunos compromissados com os estudos, sim.

7 - A que se deve à dificuldade dos alunos?

R: A falta de compromisso com o seu próprio estudo.

8 - Em que tópicos os alunos costumam ter mais dificuldade?

R: Em todos, pois, os alunos não estão interessados em aprender e sim em passar de uma série para a outra. O aluno interessado não tem dificuldade, pois ele presta atenção na explicação, faz perguntas e as atividades.

RESPOSTAS DO(A) PROFESSOR(A) - 2 [P-2]

1 - Você trabalha gramática?

R: Sim, trabalho a gramática contextualizada.

2 - Como você define gramática?

R: A gramática seria definida como "conjunto de regras".

3 - No sua opinião, ensinar gramática é:

(X) possível ( )impossível ( )necessário ( )desnecessário

4 - Para que se ensina gramática?

R: Os estudos de gramática têm como objetivo maior aprimorar o desempenho lingüístico dos falantes, levar os estudantes a uma postura de reflexão sobre a língua e a linguagem. Isso significa conhecer a estrutura gramatical que organiza os textos, as regras que permitem diferentes possibilidades de combinar palavras para construir frases.

5 - Para que se usa a gramática que é ensinada?

R: A gramática ensinada proporciona aos estudantes uma reflexão a análise críticas sobre o uso de sua língua materna.

6 - Você observa alguma melhora nos textos (orais/escritos) de seus alunos em decorrência do ensino de tópicos gramaticais?

R: A questão da produção de texto é um processo longo, portanto não terá um resultado bom de imediato.

7 - A que se deve à dificuldade dos alunos?

R: A dificuldade dos alunos deve-se talvez ao método tradicional, ou seja, o estudo da gramática era confundido com conhecimento de nomenclatura, classificação de palavra e orações, memorização de regras e suas exceções.

8 - Em que tópicos os alunos costumam ter mais dificuldade?

R: Em todos os tópicos gramaticais.

RESPOSTAS DO(A) PROFESSOR(A) - 3 [P-3]

1 - Você trabalha gramática?

R: Sim.

2 - Como você define gramática?

R: Como ensino de regras.

3 - No sua opinião, ensinar gramática é:

( ) possível ( )impossível (X)necessário ( )desnecessário

4 - Para que se ensina gramática?

R: Para que os alunos sejam capazes de expressar e adquirir conhecimento de modo formal que no seu cotidiano as regras gramaticais sejam utilizadas.

5 - Para que se usa a gramática que é ensinada?

R: Para melhorar o seu vocabulário de modo oral e escrito, e que sejam capazes de escrever na forma escrita padrão culta e com clareza.

6 - Você observa alguma melhora nos textos (orais/escritos) de seus alunos em decorrência do ensino de tópicos gramaticais?

R: Sim.

7 - A que se deve à dificuldade dos alunos?

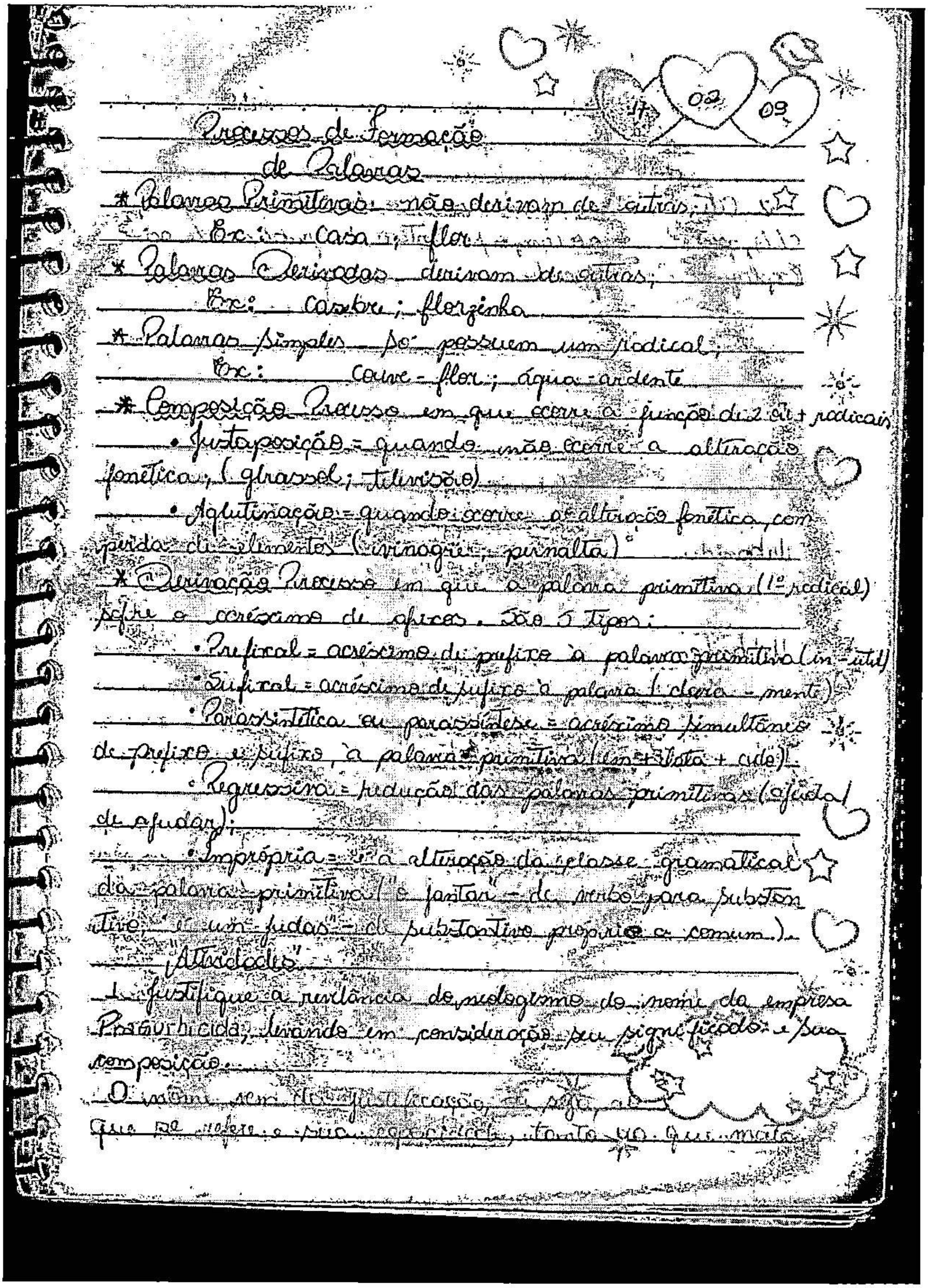
R: A falta de leitura, o mau uso das regras gramaticais e o vocabulário pobre.

8 - Em que tópicos os alunos costumam ter mais dificuldade?

R: Na concordância, no uso do termo "a gente" e a falta de pontuação.

ANEXO II

CADERNO DE UM(A) ALUNO(A) [A-1] DO PROFESSOR(A) [P - 2].



17 02 09

Processos de Formação
de Palavras

* Palavras Primitivas: não derivam de outras;
Ex: Casa; flor

* Palavras Derivadas derivam de outras;
Ex: casebre; florzinha

* Palavras Simples só possuem um radical;
Ex: Couve-flor; água-ardente

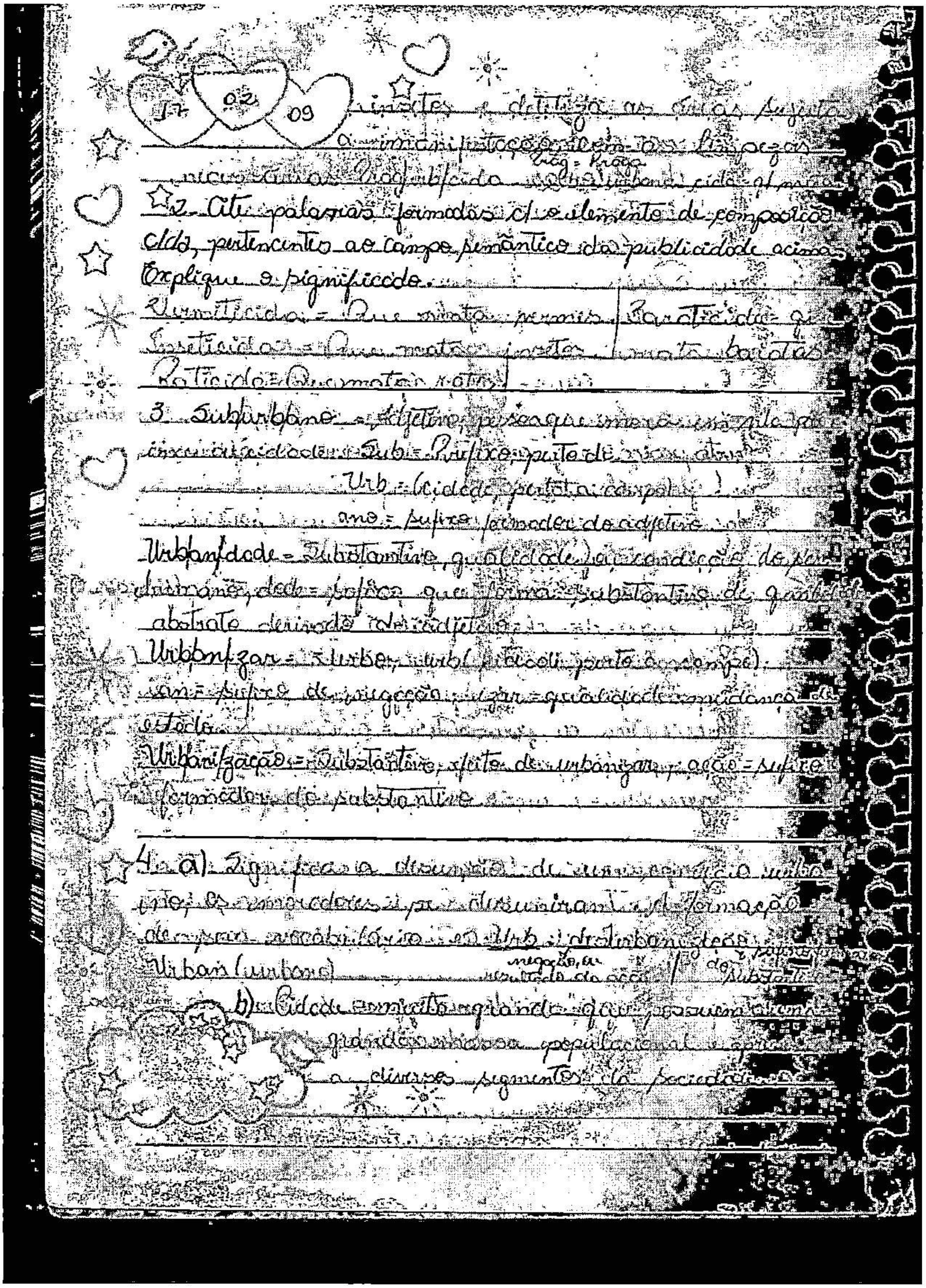
* Composição Processo em que ocorre a junção de 2 ou + radicais
• Justaposição = quando não ocorre a alteração fonética; (girassol; televisão)
• Aglutinação = quando ocorre a alteração fonética, com perda de elementos (vinagre; pernalta)

* Derivação Processo em que a palavra primitiva (1º radical) sofre o acréscimo de afixos. São 5 tipos:
• Prefixal = acréscimo de prefixo à palavra primitiva (in-útil)
• Sufixal = acréscimo de sufixo à palavra (clara - mente)
• Parassintética ou parassíntese = acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo, à palavra primitiva (en+lata + ado).
• Regressiva = redução das palavras primitivas (ajuda / de ajudar).
• Imprópria = é a alteração da classe gramatical da palavra primitiva ("o jantar" - de verbo para substantivo; "o um judas" - de substantivo próprio a comum).

"Atividades"

1. Justifique a relevância do neologismo do nome da empresa Proaurbicida, levando em consideração seu significado e sua composição.

O nome sem [illegible] justificação, ou seja, [illegible] que se refere a sua especialidade, tanto no que mata



17 02 09 [illegible] e [illegible] as [illegible] sujeitas

a manifestações [illegible] os [illegible]

[illegible] braç = braço [illegible] cidade [illegible]

2. Cite palavras formadas c/ o elemento de composição cida, pertencentes ao campo semântico da publicidade acima. Explique o significado.

Vermicida = Que mata vermes | Baraticida = que mata baratas

Inseticida = Que mata insetos

Raticida = Que mata ratos

3. Suburbano = Adjetivo, pessoa que mora em vila [illegible] arredores da cidade. Sub = Prefixo, perto de, [illegible]

Urb = (cidade, oposto a campo)

ano = sufixo formador do adjetivo

Urbanidade = Substantivo, qualidade ou condição do [illegible] cidadano, dade = sufixo que forma substantivo de qualidade abstrato derivado de adjetivo.

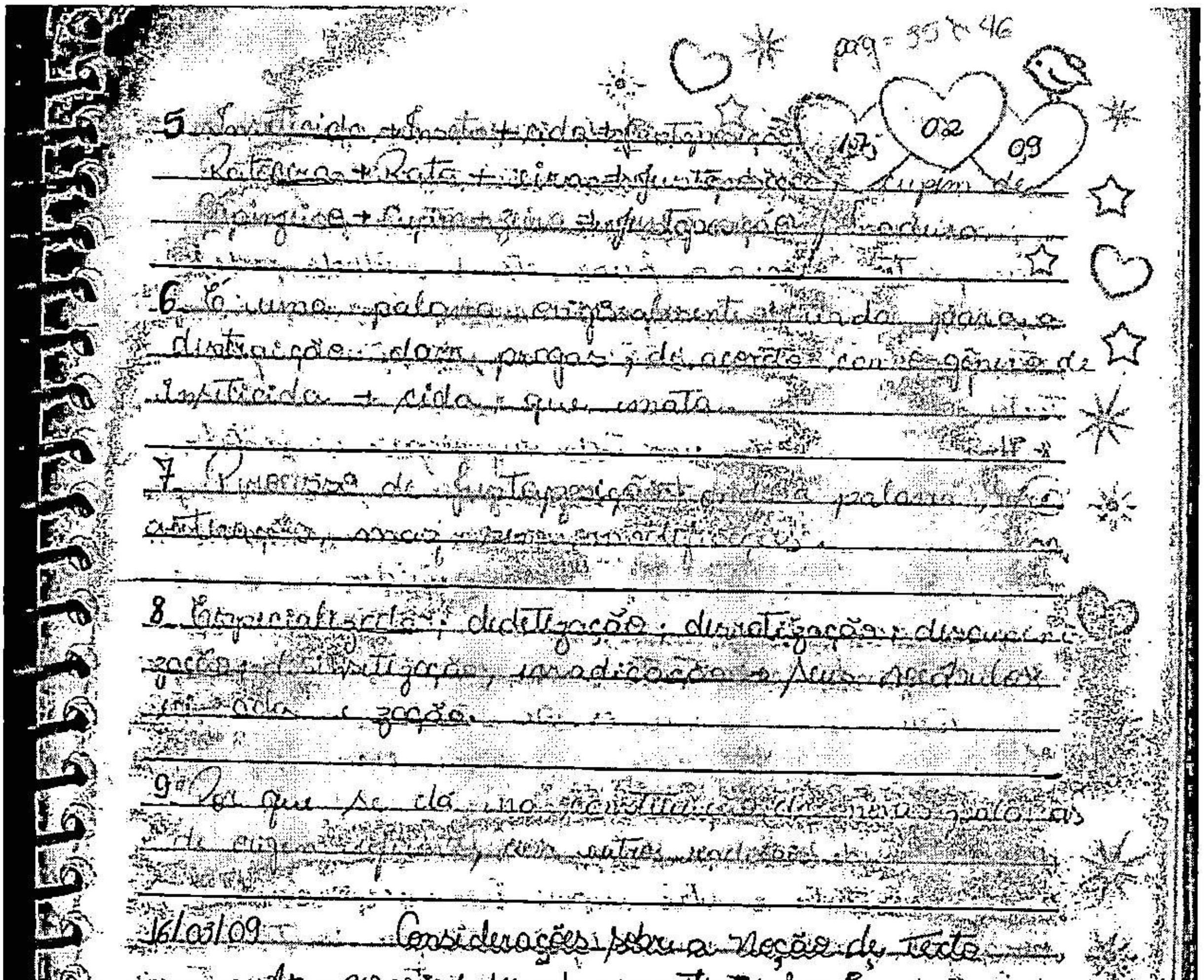
Urbanizar = urbe, urb (cidade, oposto a campo). izar = sufixo de [illegible] izar = qualidade [illegible] mudança de estado.

Urbanização = Substantivo, efeito de urbanizar, ação = sufixo formador de substantivo

4. a) Significa a desunião de uma conexão urbano; os moradores se desuniram. A formação do vocabulário [illegible] Urb [illegible] desurbanização

Urban (urbano) negação, a resultado da ação | 1º do substantivo

b) Cidade com muito grande que possuem [illegible] grande massa populacional e [illegible] a diversos segmentos da sociedade.



pag = 35 a 46

17 02 09

5 Inseticida = inseto + cida = justaposição
Ratazana = Rata + zana = justaposição; [illegible]
Pinguço = pinga + uço = justaposição; [illegible]

6 É uma palavra originalmente criada para a distração dos pragas, de acordo com o gênero de Inseticida = cida = que mata.

7 Processo de justaposição [illegible] palavra, [illegible] [illegible], [illegible].

8 Especialização; dedetização; desratização; [illegible] zação; desinsetização, [illegible] e seus [illegible] [illegible] e zação.

9 Por que se dá no [illegible] de novas palavras de origem [illegible], em outros [illegible].

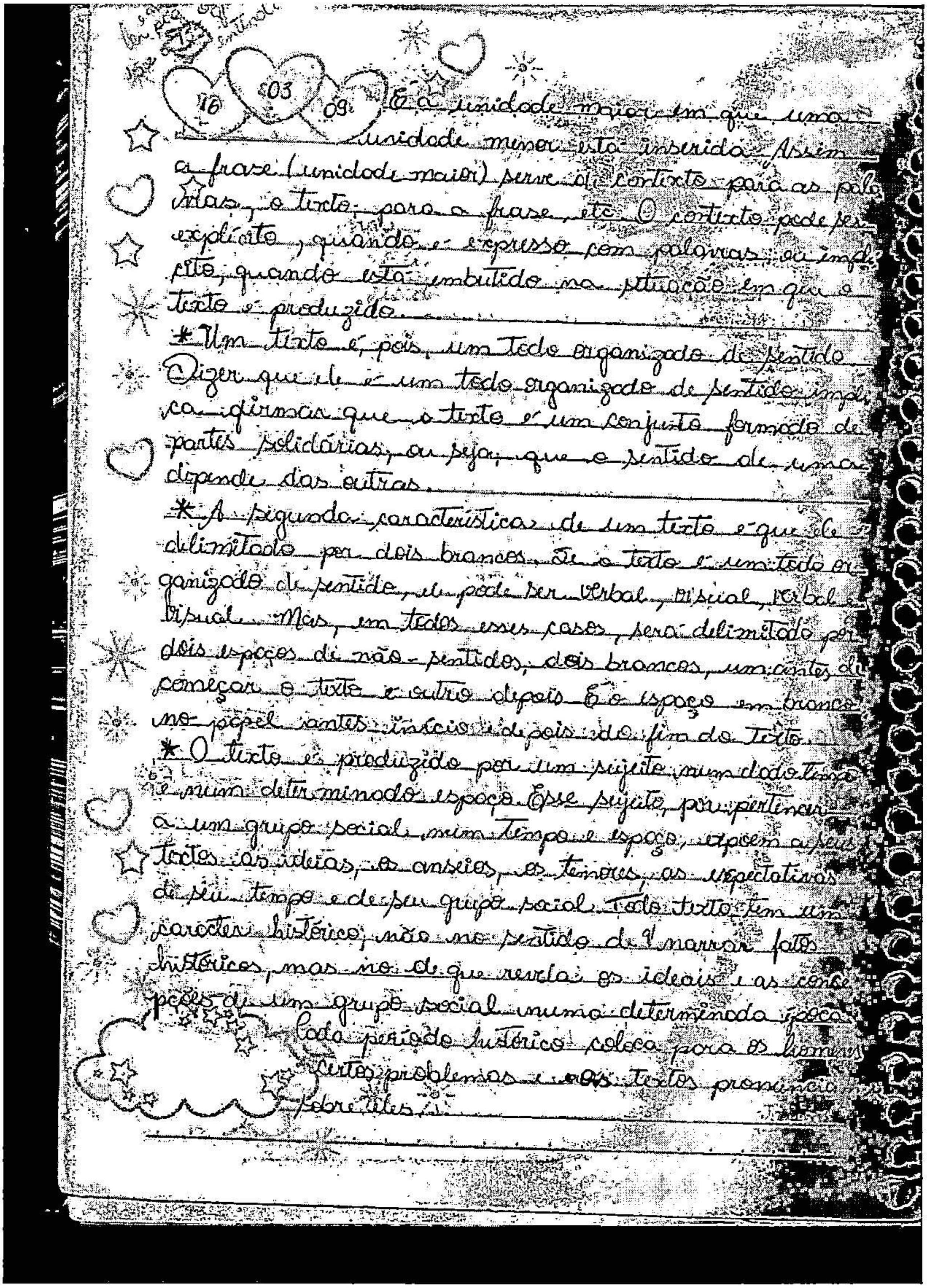
16/03/09 Considerações sobre a noção de texto

As propriedades de um texto são:

* A primeira é que ele tenha coerência de sentido. Isso quer dizer que ele não é um amontoado de frases, ou seja, nele, as frases não estão pura e simplesmente dispostas umas após as outras, mas estão relacionadas entre si. É por isso que nele o sentido de uma frase depende do sentido das demais com que se relaciona.

Uma mesma frase pode ter sentidos diferentes dependendo do contexto dentro do qual estará inserida.

Precisemos um pouco melhor o conceito de contexto.



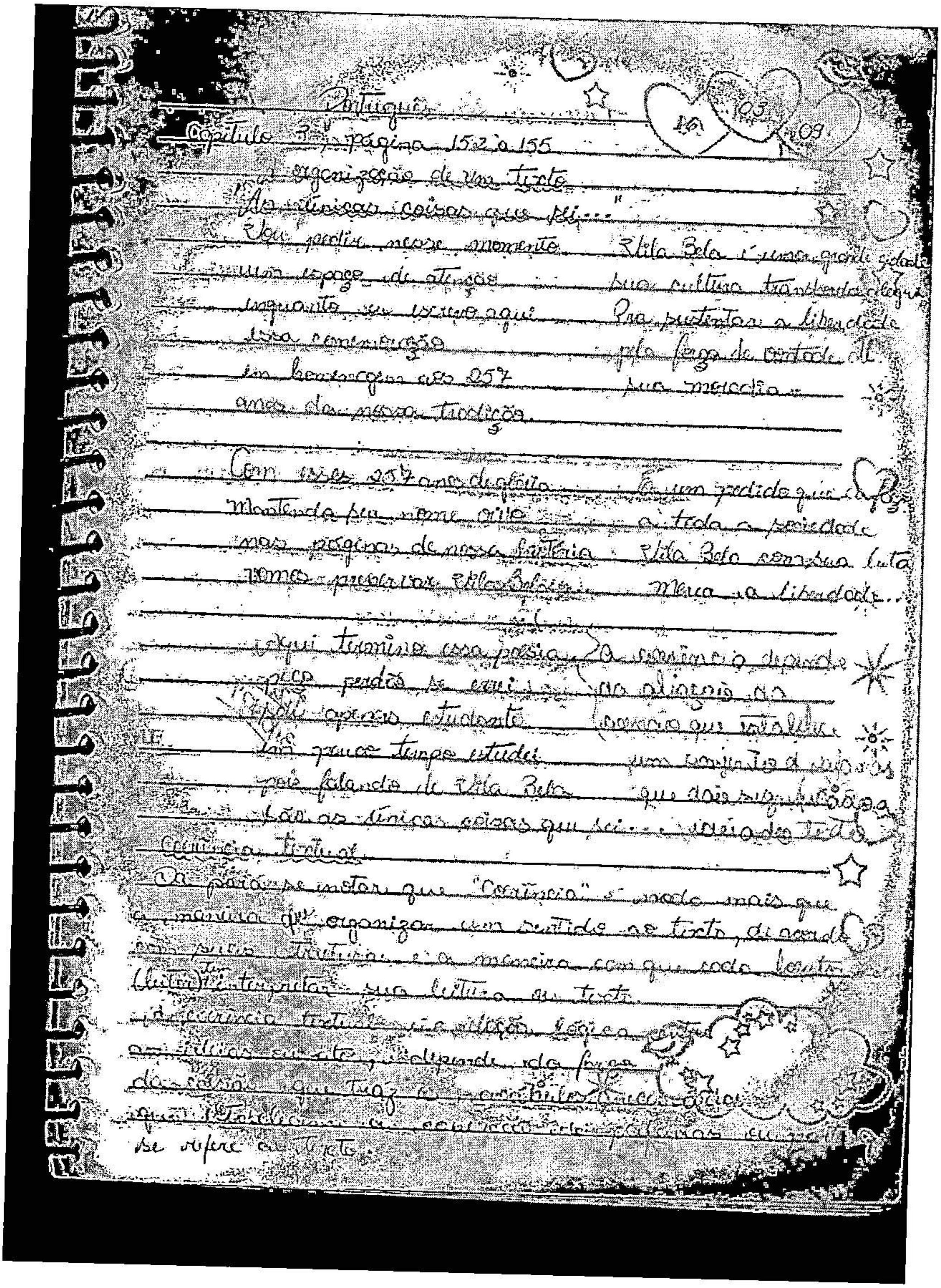
16 03 09 É a unidade maior em que uma unidade menor está inserida. Assim a frase (unidade maior) serve de contexto para as palavras, o texto, para a frase, etc. O contexto pode ser explícito, quando é expresso com palavras, ou implícito, quando está embutido na situação em que o texto é produzido.

*Um texto é, pois, um todo organizado de sentido. Dizer que ele é um todo organizado de sentido implica afirmar que o texto é um conjunto formado de partes solidárias, ou seja, que o sentido de uma depende das outras.

*A segunda características de um texto é que ele é delimitado por dois brancos. Se o texto é um todo organizado de sentido, ele pode ser verbal, visual, verbal e visual. Mas, em todos esses casos, será delimitado por dois espaços de não-sentidos, dois brancos, um antes de começar o texto e outro depois. É o espaço em branco no papel antes início e depois do fim do texto.

*O texto é produzido por um sujeito num dado tempo e num determinado espaço. Esse sujeito, por pertencer a um grupo social num tempo e espaço, expõem a seus textos as ideias, os anseios, os temores, as expectativas de seu tempo e de seu grupo social. Todo texto tem um caracter histórico, não no sentido de narrar fatos históricos, mas no de que revela os ideais e as concepções de um grupo social numa determinada época.

Cada período histórico coloca para os homens certos problemas e os textos pronunciam sobre eles.



Português

10 03 09

Capítulo 3; página 152 à 155

A organização de um texto

"As únicas coisas que sei..."

Vou pedir nesse momento
um espaço de atenção
enquanto eu escrevo aqui
essa comemoração
em homenagem aos 257
anos da nossa tradição.

Com esses 257 anos de glória
Mantendo seu nome vivo
nas páginas de nossa história
vamos preservar Vila Bela...

Aqui termina essa poesia
peço perdão se errei
Pois sou apenas estudante
Há pouco tempo estudei
pois falando de Vila Bela
São as únicas coisas que sei...

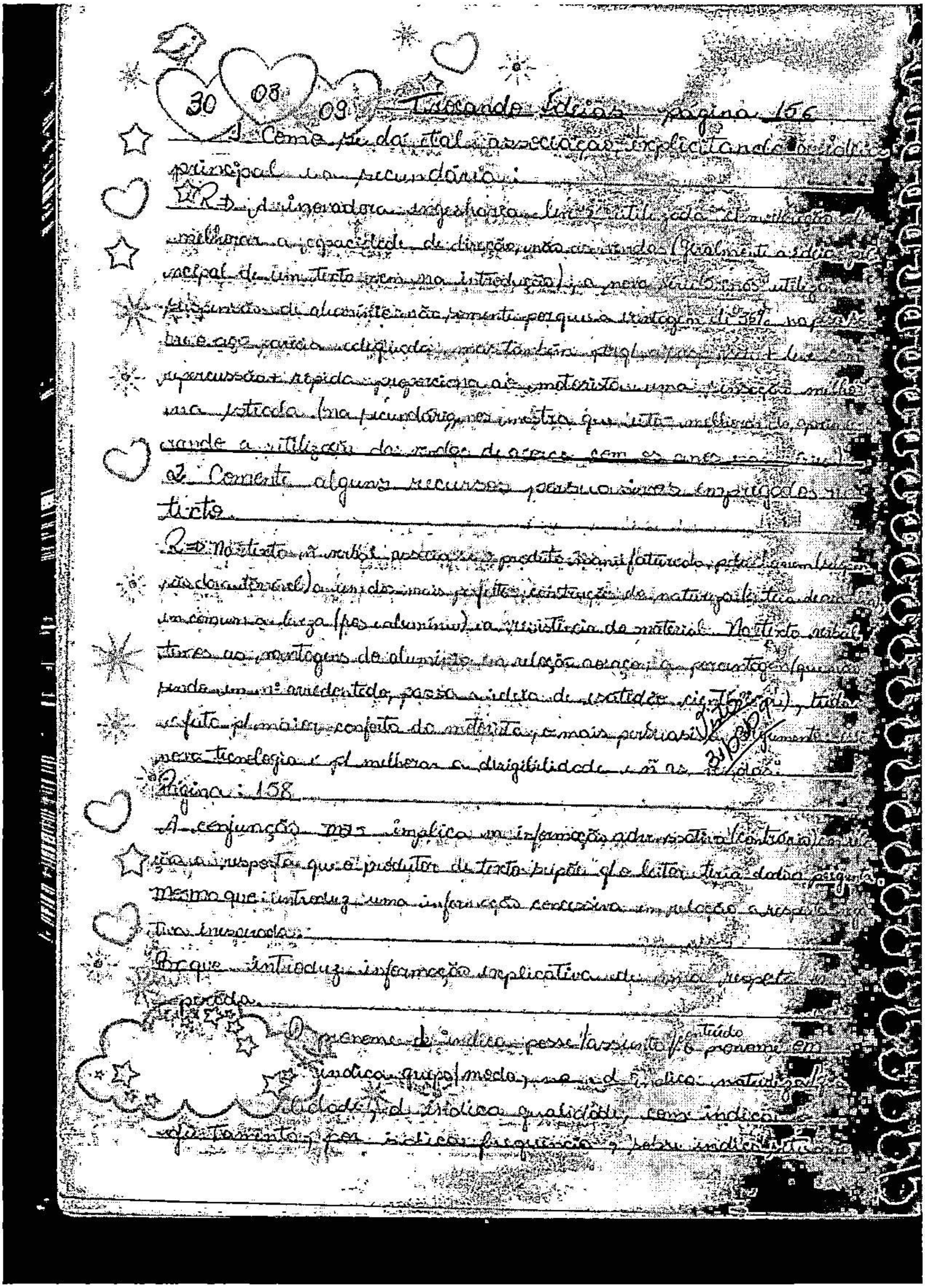
Vila Bela é uma grande cidade
sua cultura transborda alegria
Pra sustentar a liberdade
pela força de vontade de
sua moradia...

É um pedido que eu faço
a toda a sociedade
Vila Bela com sua luta
Nunca a liberdade...

A coerência depende
da relação do
[illegible] que estabelece
um conjunto de ideias
que dão significação a
ideia do texto.

Coerência textual

Da para se notar que "coerência" é nada mais que a maneira que organiza um sentido ao texto, de acordo com sua estrutura, e a maneira com que cada leitor (leitor) interpretar sua leitura ao texto.
A coerência textual é a relação lógica entre as ideias de um texto, dependendo da forma da relação que traz o [illegible] que estabelecem a conexão de palavras e [illegible] se refere ao texto.



30 08 09 Trocando Ideias página 156

1. Como se dá tal associação, explicitando [illegible] principal e a secundária:

R⇒ A geradora [illegible] utilizada [illegible] melhorar a capacidade de direção, mas [illegible] (geralmente a ideia principal de um texto vem na introdução), a nova [illegible] utiliza [illegible] de alumínio não somente porque a vantagem de 35% na [illegible] adequada, mas também [illegible] repercussão + rápida proporciona ao motorista uma direção melhor na estrada (na secundária nos mostra que esta melhoria [illegible] a utilização das rodas de aço com os aros [illegible])

2. Comente alguns recursos persuasivos empregados no texto.

R⇒ No texto n. verbal associa-se o produto (manufaturado, [illegible]) a um dos mais perfeitos construções da natureza [illegible] um conjunto a leveza (pelo alumínio) e a resistência do material. No texto verbal [illegible] as vantagens do alumínio em relação ao aço; a porcentagem (que não [illegible] um nº arredondado, passa a ideia de exatidão [illegible]), tudo [illegible] fato p/ maior conforto do motorista, e mais persuasivo [illegible] nova tecnologia e p/ melhorar a dirigibilidade e não as [illegible].

31/08/09

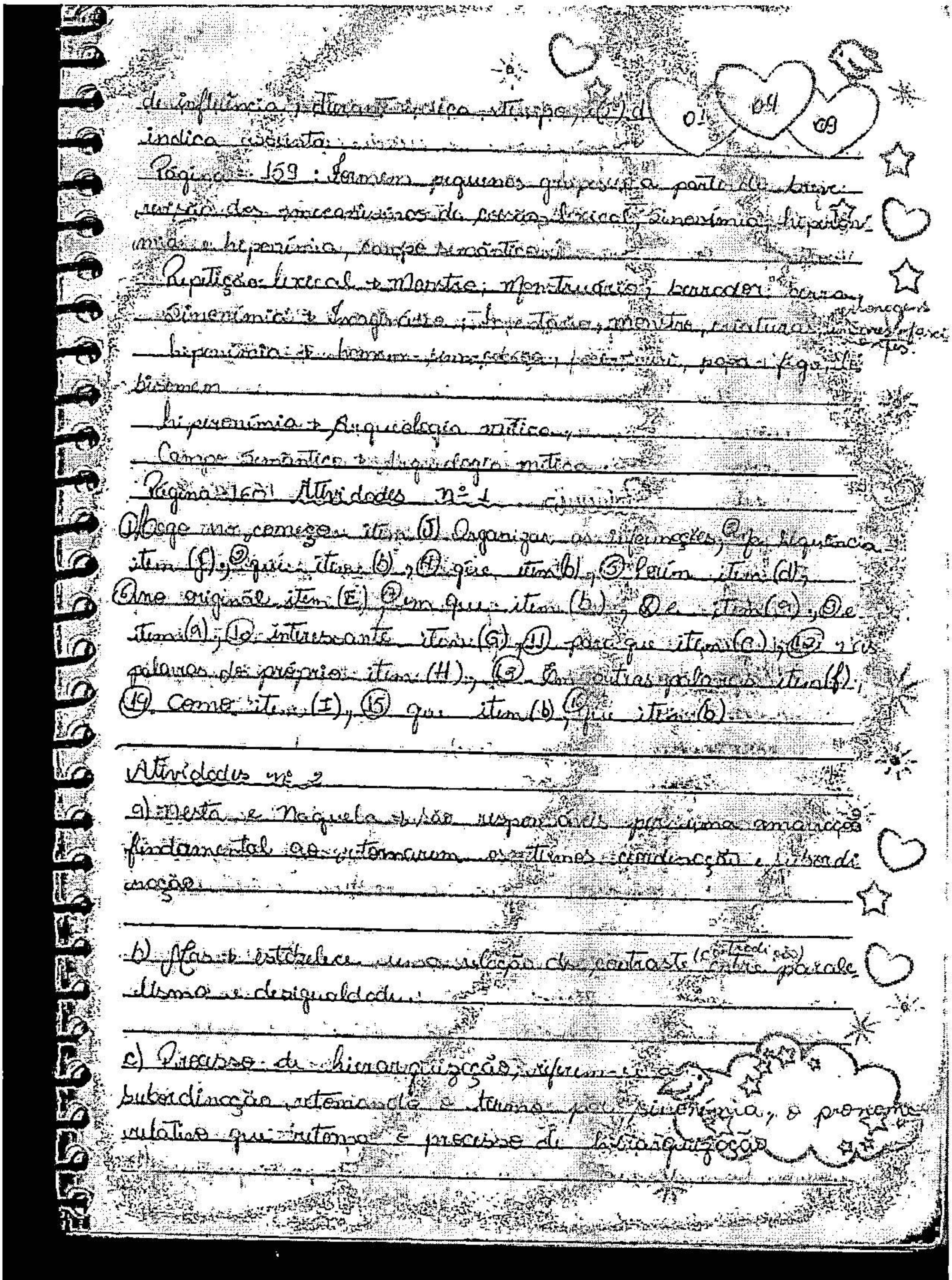
Página: 158

A conjunção mas implica uma informação adversativa (contrária) [illegible] a resposta que o produtor de texto supõe p/ o leitor teria dado à pergunta.

Mesmo que: introduz uma informação concessiva em relação a resposta [illegible] tiva [illegible].

Porque: introduz informação explicativa de [illegible] respeito [illegible] pergunta.

O pronome de indica posse/assunto/conteúdo; o pronome em indica grupo/modo; [illegible] de indica naturalidade; de indica qualidade; com indica afastamento; por indica frequência; sobre indica [illegible]



de influência; [illegible] tempo, a(o) d

indica [illegible]

Página 159: Formam pequenos grupos [illegible] a parte de breve revisão dos conceitos de coesão lexical, sinonímia, hiperonímia e hiponímia, campo semântico.

Repetição lexical → Monstro; Monstruário; caçador: caça,

Sinonímia → Imaginário; Fantástico, monstro, criatura, personagens imaginários/ficções.

hiponímia → homem-[illegible], [illegible], papa-figo, lobisomem

hiperonímia → Arqueologia mítica.

Campo Semântico → Arqueologia mítica.

Página 160: Atividades nº 1

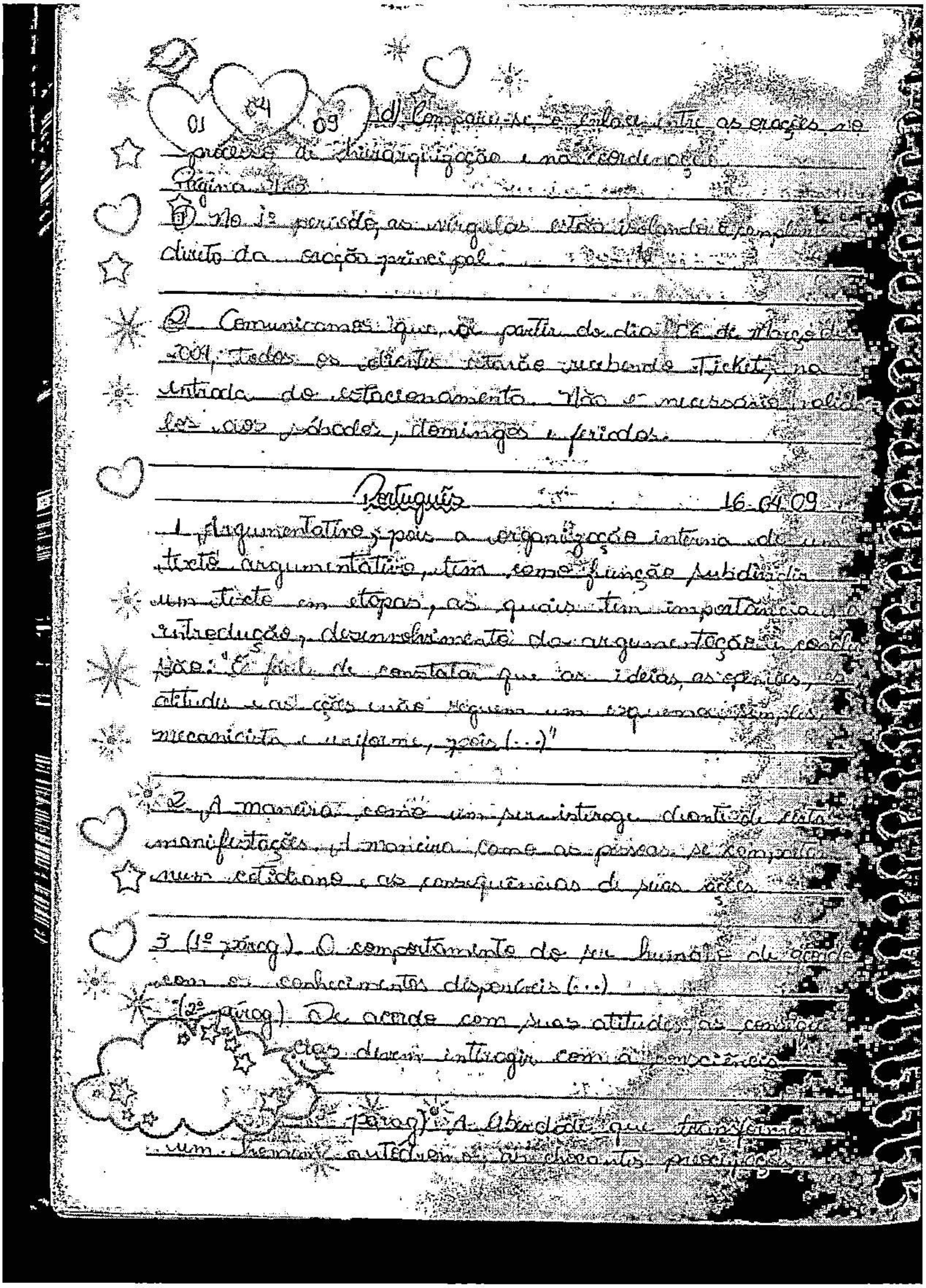
① Logo no começo: item (J) Organizar as informações, ② [illegible] sequência item (F), ③ quê item (b), ④ que item (b), ⑤ Lá em item (d); ⑥ Uma original item (E) ⑦ Em que item (b), ⑧ e item (a), ⑨ e item (a), ⑩ interessante item (G), ⑪ para que item (c), ⑫ nas palavras do próprio item (H), ⑬ Em outras palavras item (f), ⑭ Como item (I), ⑮ que item (b), ⑯ que item (b).

Atividades nº 2

a) Nesta e Naquela são responsáveis por uma amarração fundamental ao retomarem os termos coordenação e subordinação.

b) Mas estabelece uma relação de contraste (contradição) entre paralelismo e desigualdade.

c) Processo de hierarquização, refere-se à subordinação retomando o termo por sinonímia, o pronome relativo que retoma o processo de hierarquização.



01 04 09

d) Compara-se o enlace entre as orações no processo de hierarquização e na coordenação.

Página 143

b) No 1º período, as vírgulas estão isolando o complemento direto da oração principal.

c) Comunicamos que, a partir do dia 06 de Março de 2001, todos os clientes estarão recebendo Tickets na entrada do estacionamento. Não é necessário validá-los aos sábados, domingos e feriados.

Português 16.04.09

1. Argumentativo, pois a organização interna de um texto argumentativo, tem como função subdividir um texto em etapas, as quais têm importância na introdução, desenvolvimento da argumentação e conclusão: "É fácil de constatar que as ideias, as opiniões, as atitudes e as ações não seguem um esquema simples, mecanicista e uniforme, pois (...)"

2. A maneira como um ser interage diante de estas manifestações, a maneira como as pessoas se comportam no cotidiano e as consequências de suas ações.

3 (1º parág.) O comportamento do ser humano é de acordo com os conhecimentos disponíveis (...)

(2º parág.) De acordo com suas atitudes, as consequências devem interagir com a consciência.

(3º parág.) A liberdade que transforma um homem autêntico, os chocantes preocupações

di um maniqueísmo disputado pelas vezes já choca

(4º parág.): a capacidade de formação que o ser humano desenvolve e contribui, seguido do seu equilíbrio, habilidade e sustentação de seus padrões éticos.

(5º parág.): Suas decisões se abordam por reflexão; reflexão essa que se manifesta a conseguir cada ideia, a ponto de fazer se tornar capaz de decidir [illegible] por si mesmo e sustentar um caminho de formação consciente.

4. Independentemente de uma decisão, seja ela qual for, um indivíduo vai sempre "pensar" antes de agir". Essas são as questões que sobressaem, a reflexão de seus atos.

5. Sim.

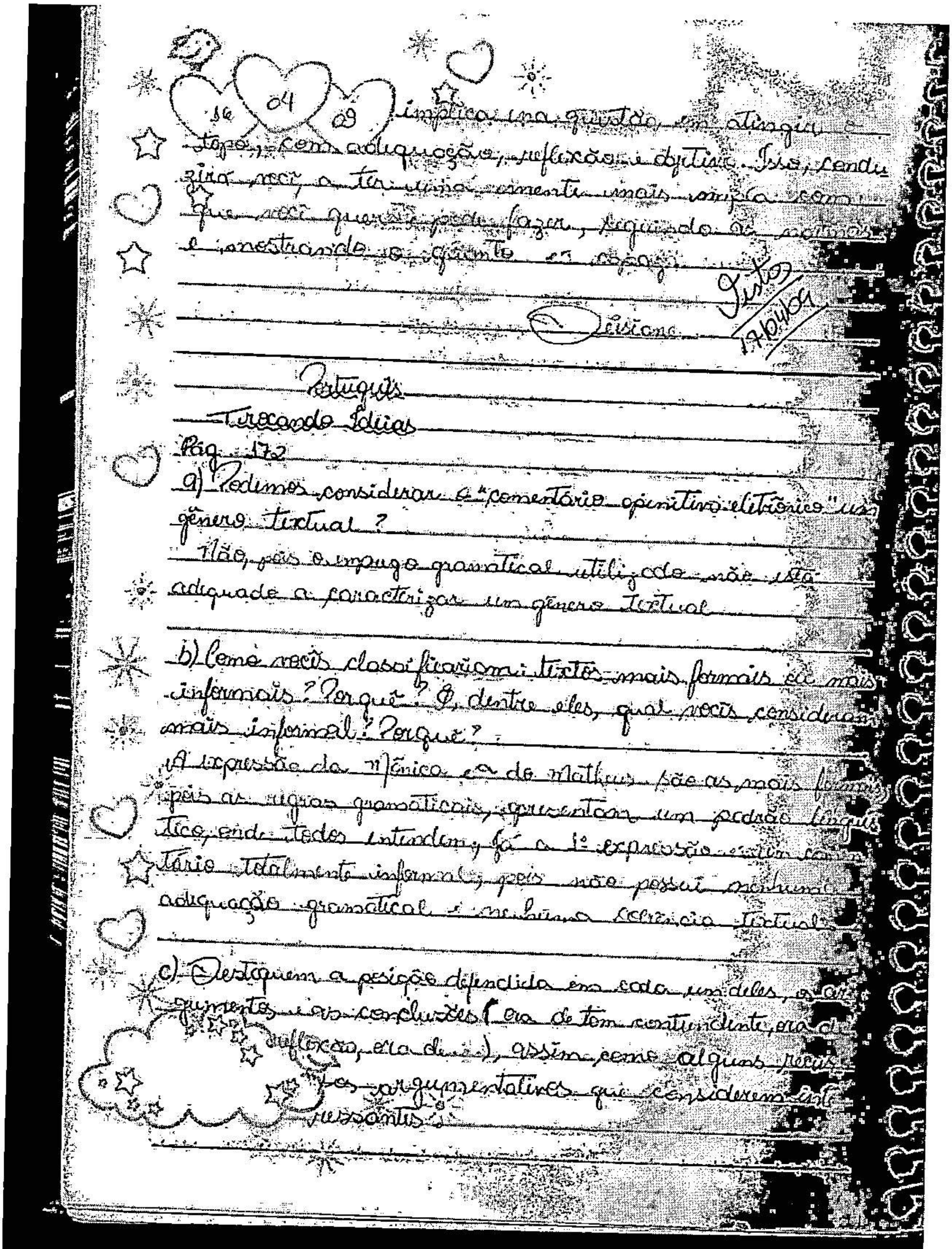
[illegible] "Um ser que faz diferença"

A inclusão de um indivíduo, ou mesmo uma atitude, já é o bastante para se perceber que o ser humano é capaz de demonstrar sua relação com o mundo, através de sua adequação superior.

É como se fosse um preparo físico; mas predominantemente influenciado por um equilíbrio psicológico.

Como qualquer outro ser, nós estamos preparados para reagir de acordo com o que a realidade nos proporciona. Esse é o sentido que resulta da coragem, em acelerar um ponto contínuo da sua relação com o espaço exterior.

Na verdade, você é uma pessoa que busca melhorar sempre o seu raciocínio.



16 04 09 implica uma questão em atingir o topo, com adequação, reflexão e objetivo. Isso, conduzirá você a ter uma mente mais ampla com que você quer e pode fazer, seguindo as normas e mostrando o quanto és capaz.

Visto
17/04/09

Deisiane

Português

Trocando Ideias

Pág. 172

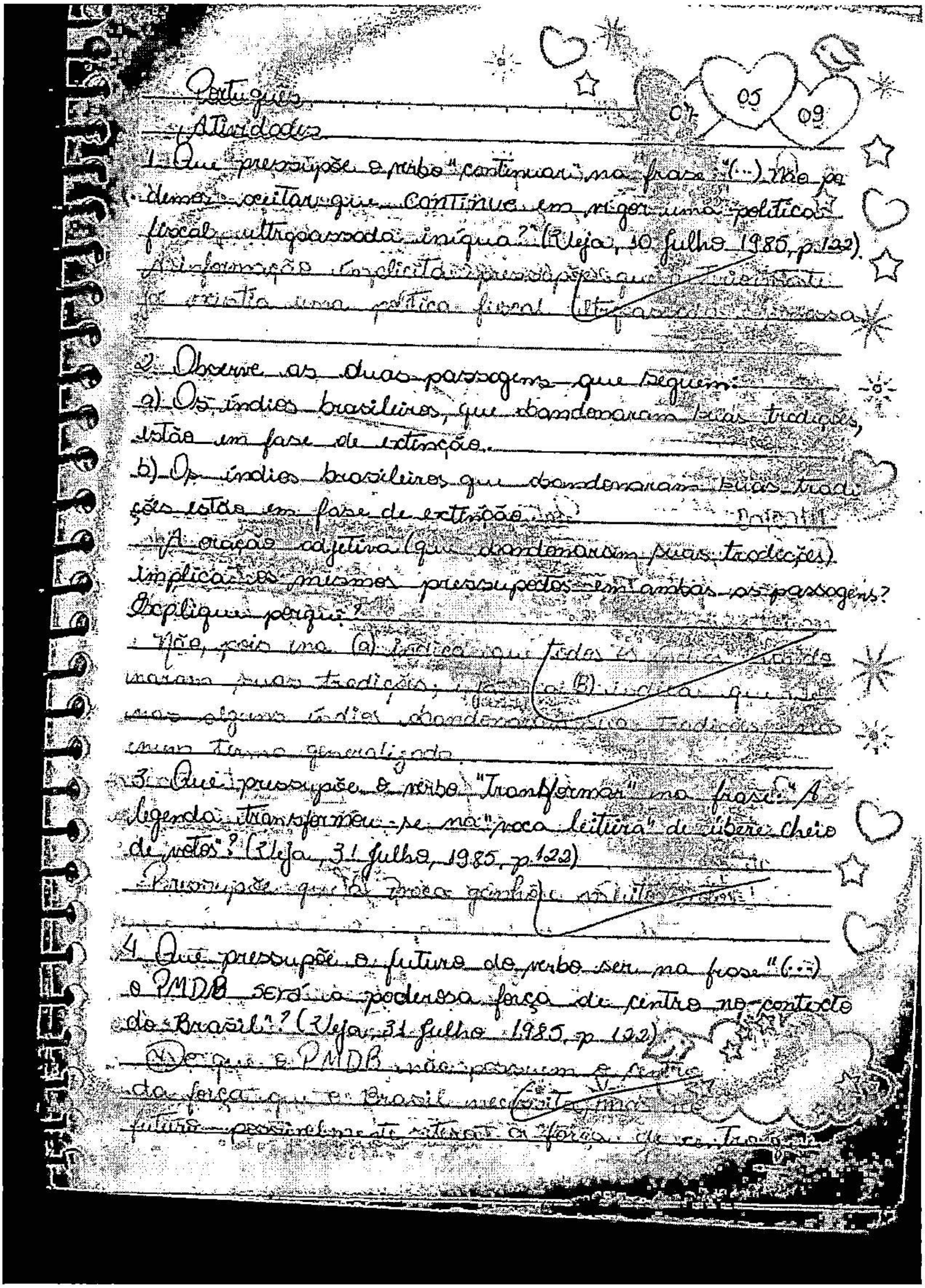
a) Podemos considerar o "comentário opinativo eletrônico" um gênero textual?

Não, pois o emprego gramatical utilizado não está adiquado a caractrizar um gênero Textual

b) Como vocês classificariam: textos mais formais ou mais informais? Porquê? E, dentre eles, qual vocês consideram mais informal? Porquê?

A expressão da Mônica e a do Matheus são as mais formais pois as regras gramaticais, apresentam um padrão linguístico, onde todos entendem, já a 1º expressão é um comentário totalmente informal, pois não possui nenhuma adequação gramatical e nenhuma coerência textual.

c) Destaquem a posição defendida em cada um deles, os argumentos e as conclusões (era de tom contundente, era de reflexão, era de...), assim como alguns recursos argumentativos que considerem interessantes.



Português 07 05 09

Atividades

1 Que pressupõe o verbo "continuar" na frase "(...) Não podemos aceitar que continue em vigor uma política fiscal ultrapassada iníqua?" (Veja, 10 julho 1985, p.122).

A informação implícita pressupõe que anteriormente já existia uma política fiscal ultrapassada e iníqua.

2 Observe as duas passagens que seguem:

a) Os índios brasileiros, que abandonaram suas tradições, estão em fase de extinção.

b) Os índios brasileiros que abandonaram suas tradições estão em fase de extinção.

A oração adjetiva (que abandonaram suas tradições) implica os mesmos pressupostos em ambas as passagens? Explique porquê?

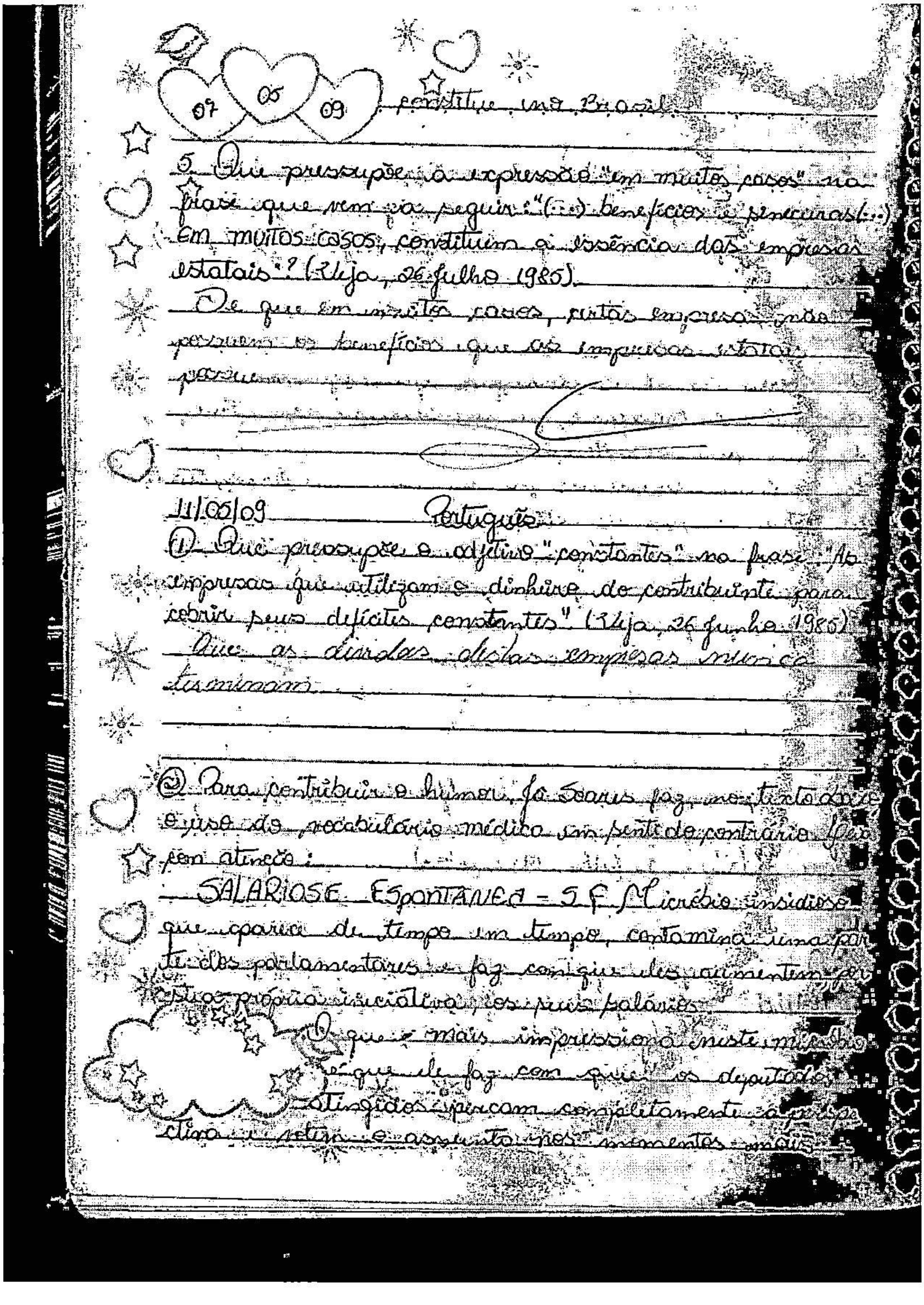
Não, pois na (a) indica que todos os índios abandonaram suas tradições, já a (B) indica que [illegible] alguns índios abandonaram suas tradições, [illegible] num termo generalizado.

3 Que pressupõe o verbo "Transformar" na frase: "A legenda transformou-se na "vaca leitura" de úbere cheio de votos"? (Veja, 31 julho, 1985, p.122)

Pressupõe que a vaca ganhou os votos!

4 Que pressupõe o futuro do verbo ser na frase "(...) o PMDB será a poderosa força de centro no contexto do Brasil"? (Veja, 31 julho 1985, p. 122).

(N) De que o PMDB não possuem o centro da força que o Brasil necessita, mas no futuro possivelmente estará a força de centro [illegible]



07 05 09 constitue no Brasil.

5 Que pressupõe a expressão "em muitos casos" na frase que vem a seguir: "(...) benefícios e sinecuras(...) EM MUITOS CASOS, constituem a essência das empresas estatais"? (Veja, 26 julho 1980).

De que em muitos casos, certas empresas não possuem os benefícios que as empresas estatais possuem.

11/05/09 Português

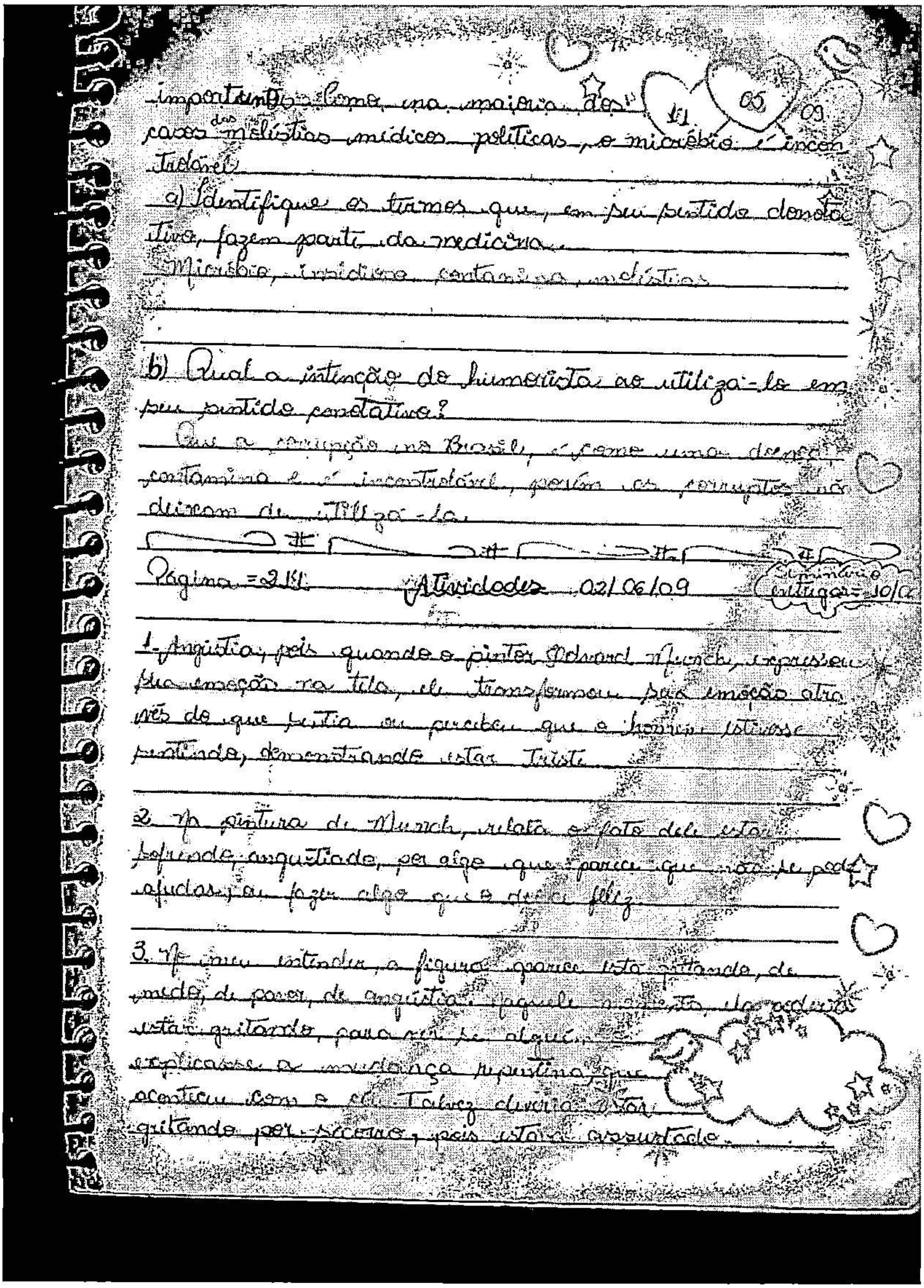
① Que pressupõe o adjetivo "constantes" na frase: "As empresas que utilizam o dinheiro do contribuinte para cobrir seus déficits constantes" (Veja, 26 junho 1985)

Que as dívidas destas empresas nunca terminam.

② Para contribuir o humor, Jô Soares faz no texto dado o uso do vocabulário médico em sentido contrário. Leia com atenção:

SALARIOSE ESPONTANEA - S.F. Micróbio insidioso que aparece de tempo em tempo, contamina uma parte dos parlamentares e faz com que eles aumentem, por sua própria iniciativa, os seus salários.

O que é mais impressiona neste micróbio é que ele faz com que os deputados atingidos percam completamente a perspectiva e retém o assunto nos momentos mais



11 05 09

importante: Como na maioria dos casos das moléstias médicos políticas, o micróbio é incontrolável

a) Identifique os termos que, em seu sentido denotativo, fazem parte da medicina.

Micróbio, insidioso, contamina, moléstias

b) Qual a intenção do humorista ao utilizá-lo em seu sentido conotativo?

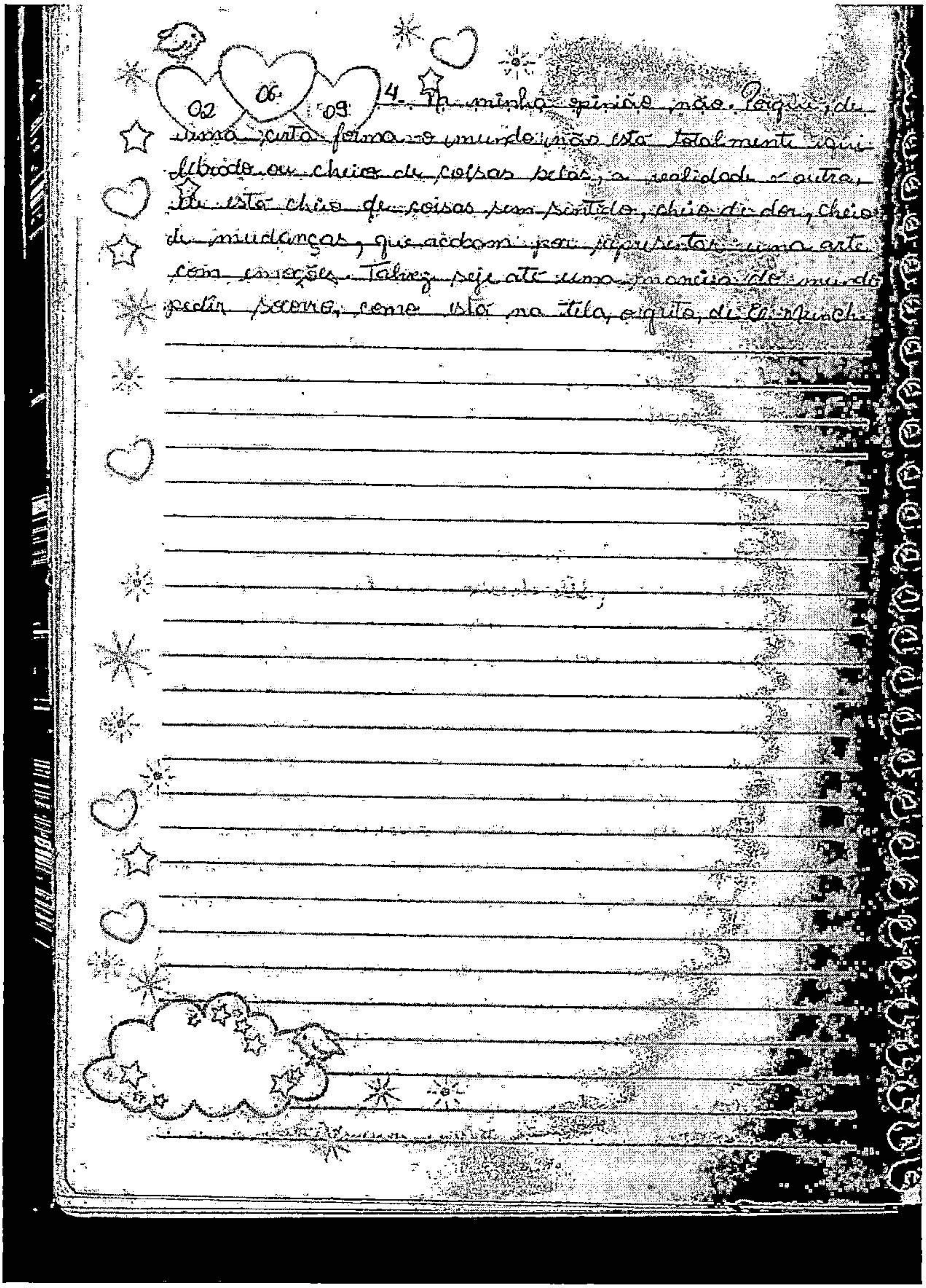
Que a corrupção no Brasil, é como uma doença contamina e é incontrolável, porém os corruptos não deixam de utilizá-la.

Página = 211.　Atividades 02/06/09　Seminário entregar = 10/

1- Angústia, pois quando o pintor Edvard Munch, expressou sua emoção na tela, ele transformou sua emoção através do que sentia ou percebeu que o homem estivesse sentindo, demonstrando estar triste.

2. Na pintura de Munch, relata o fato dele estar sofrendo angustiado, por algo que parece que não se pode ajudar, ou fazer algo que o deixe feliz.

3. No meu entender, a figura parece estar gritando, de medo, de pavor, de angústia. Naquele momento, ela poderia estar gritando, para ver se alguém explicasse a mudança repentina que aconteceu com o ela. Talvez deveria estar gritando por socorro, pois estava assustado.



02 06 09

4. Na minha opinião não. Porque, de uma certa forma o mundo não está totalmente equilibrado ou cheio de coisas belas, a realidade é outra, ele está cheio de coisas sem sentido, cheio de dor, cheio de mudanças, que acabam por representar uma arte com emoções. Talvez seja até uma maneira do mundo pedir socorro, como está na tela, o grito, de Ed Munch.